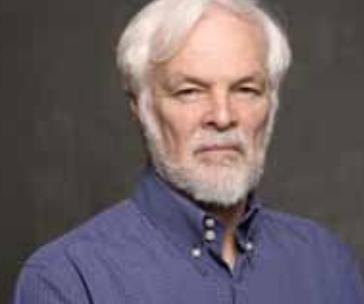


ANO 57
234
Junho 2010

FIEG
SESI
SENAI
IEL
ICO BRASIL

Sistema
FIEG



GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das
Indústrias do Estado de Goiás

ENTREVISTA

O grande gargalo da educação está em sua baixa qualidade, desde o primeiro ano do primário, declara Cláudio de Moura e Castro



PARA ONDE VAI A ECONOMIA

GOIÁS DEIXOU A CRISE EM MUITO MELHOR FORMA DO QUE OUTROS ESTADOS E SUA ECONOMIA PARECE ENSAIAR O INÍCIO DE UM CICLO VIRTUOSO DE CRESCIMENTO, COM AVANÇO VIGOROSO DO EMPREGO E MAIOR OFERTA DE CRÉDITO

O programa que você já conhece, agora também em uma nova emissora.

Assista ao Jornal da Indústria
e acompanhe sempre temas relevantes ao
segmento que mais cresce no Estado.

Todas as terças, às 20h30, na TBC Cultura.

(canal 13 na TV Aberta ou 19 na NET).

**Aos sábados e domingos, às 19h30,
no Canal 36 da NET.**

Todas as quartas, às 20h30, na Fonte TV.

(Canal 4 - NET Goiânia, Canal 5 - TV Aberta e Canal 6 - Mais TV)

(reprises durante a programação).





“Esse desenvolvimento industrial extraordinário não tem sido acompanhado pelo crescimento correspondente da infraestrutura”

Paulo Afonso Ferreira
pauloafonso@sistemafieg.org.br

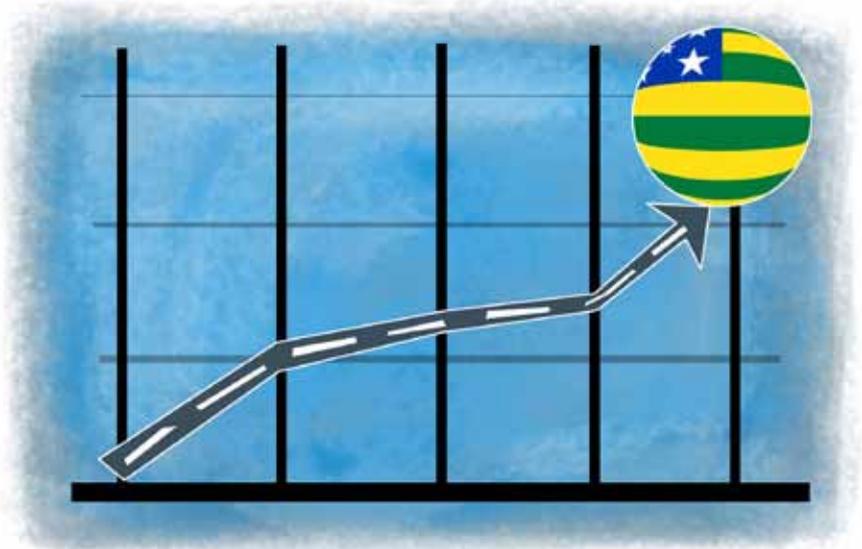
O mapa das soluções

Nossa indústria vive tempo de euforia, com perspectivas de prosseguimento melhor ainda, desde que construamos corretamente seu futuro. Esta edição da **Goiás Industrial** mostra essa realidade, começando pelo que já acontece e está resumido na sua matéria de capa: As bases para um ciclo virtuoso.

Experimentamos um crescimento sustentado, com aumento de empregos e maior oferta de crédito, consequente expansão de renda e consumo. Goiás emerge da crise financeira internacional à frente ou nos primeiros lugares entre todas as unidades federativas.

Nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, no primeiro trimestre deste ano, com liderança do setor industrial, Goiás gerou 34.657 postos de trabalho, mais do que o total que obteve nos 12 meses anteriores, com efeitos notórios sobre a renda. Na projeção do Instituto de Política Econômica (Ipea), até dezembro, o saldo de novos empregos criados no Estado beneficiará cerca de 59,5 mil pessoas, um crescimento de 73% em relação a 2009.

Enquanto no ano passado a média da queda de produção industrial no País foi de 7,4%, a indústria goiana manteve-se praticamente estável, com ligeira variação de 0,2%. Nas contas do IBGE, ela já superou as perdas sofridas durante a crise mundial, fechando o período de 12 meses, completado em março último, com variação positiva de 7,7%, a taxa maior entre todos os 13 Estados pesquisados.



No total de crédito liberado no Brasil, conforme o Banco Central, a fatia destinada ao Centro-Oeste cresceu, de dezembro de 2004 a janeiro deste ano, 298,4% para pessoas físicas, e 219% para pessoas jurídicas. O efeito em cadeia mostrou a expansão do mercado de trabalho e o avanço do crédito, motivando lojas e financeiras independentes a trabalhar com prazos cada vez mais largos, com impacto favorável sobre o comércio varejista. Resultado: as vendas no Estado aumentaram 16%, contra 12,8%, média do restante do País.

Favorecendo a agroindústria, Goiás concluiu a colheita de uma safra recorde de grãos, na faixa de 13,25 milhões de toneladas, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Infelizmente, esse desenvolvimento industrial extraordinário não tem

sido acompanhado pelo crescimento correspondente da infraestrutura, com graves distorções, dentre outras, nos sistemas de transportes, suprimento de energia, saneamento, habitação e armazenamento, motivadoras da redução de produtividade das indústrias, do aumento de preços dos produtos, da perda de competitividade e de preocupantes incertezas.

Mostrando esse descompasso altamente pernicioso e apontando o caminho das soluções, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás está concluindo o Mapa Estratégico da Indústria Goiana: Goiás 2020 – Indústria Rumo ao Futuro, elaborado com a participação dos sindicatos patronais, empresários, técnicos, consultores e representantes da sociedade organizada. É outro assunto de destaque desta edição da **Goiás Industrial**.



CAPA

26 A economia goiana deixou a crise com fôlego renovado e parece demonstrar melhor forma do que a maior parte dos demais Estados brasileiros. A atividade econômica pode estar iniciando, em Goiás, um ciclo virtuoso de desenvolvimento, como reflexo direto do crescimento recorde do mercado formal de trabalho e pela maior oferta de crédito, movimentando as vendas no varejo (foto) e aquecendo a produção na indústria.

ENTREVISTA

8 O economista e professor Cláudio de Moura e Castro especializou-se em economia da educação, mas desistiu de fazer contas há algum tempo. Os investimentos públicos no setor, diz ele, são até adequados, mas o “pepino” está na distribuição dos recursos, que privilegia a educação superior e, portanto, favorece uma elite. O grande gargalo, diz ele, é a qualidade da educação, desde o primeiro ano primário.

GOIÁS MOSTRA MODA

17 Com 95 expositores, 6 mil compradores de todo o País e um público estimado em 30 mil pessoas, a segunda edição da Goiás Mostra Moda, realizada entre os dias 22 e 25 de junho, deve gerar negócios num valor entre R\$ 50 milhões e R\$ 55 milhões, segundo o Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest).



índice

IEL GOIÁS

12 A rede mundial de computadores transformou-se no mais novo local de encontro para empresas interessadas em caçar talentos e para profissionais à procura de emprego. O site www.empregandotalentos.com.br, desenvolvido pelo IEL Goiás, acompanha essa tendência, incrementando os serviços que já presta a pessoas e a empresas. As facilidades e comodidades dessa mídia fazem crescer o acesso, diante da agilidade e da capacidade da internet de conectar pessoas de diferentes lugares, abreviando o tempo de desocupação e poupando recursos.

ICQ BRASIL

20 A carteira de clientes do ICQ Brasil, já recheada por grandes clientes do setor elétrico, como Furnas e Chesf, foi reforçada, em abril, com a certificação conferida pelo instituto à Companhia Energética de São Paulo (Cesp), quarta maior empresa de geração do País. O ICQ Brasil certificou o sistema de gestão de qualidade da geradora.

MAPA ESTRATÉGICO

24 Lideranças empresariais, presidentes de sindicatos e dos conselhos temáticos da Fieg, além de diretores da entidade, autoridades e técnicos do setor público estadual concluíram em maio o processo de validação do Mapa Estratégico da Indústria Goiana: Goiás 2020 – Indústria Rumo ao Futuro. Essa nova ferramenta de gestão incorpora políticas, diretrizes e metas para enfrentar os principais gargalos que amarram o desenvolvimento da economia estadual.

CLUBE INDÚSTRIA DE BENEFÍCIOS

42 Desenvolvido em parceria pela CNI e pelas federações estaduais do setor, o Clube Indústria de Benefícios vai colocar empresas e fornecedores frente a frente, facilitando a negociação entre as duas pontas, com possibilidade de prazos e condições de pagamento mais vantajosas. Como reflexo, o sistema deverá reforçar o papel dos sindicatos no meio empresarial, contribuindo para atrair novos associados.

SESI E SENAI

35 Sexto município mais competitivo do Estado e terceiro maior exportador, Itumbiara tem sido palco, nos últimos anos, do trabalho intensivo do Sesi e Senai, em parceria com empresas como a Maeda Agroindustrial, instalada na região desde 1973. Essa parceria tem permitido o desenvolvimento de ações destinadas a levar bem-estar e melhoria profissional aos colaboradores da empresa.

APL DE CERÂMICA

22 As 33 empresas que formam o polo de cerâmica vermelha do Norte Goiano aguardam com ansiedade a liberação no mercado da telha engobada, em fase avançada de estudos (*foto*), desenvolvidos pela Rede Goiana de Pesquisa em Tecnologia Mineral, integrada pelo Senai Goiás. A inovação permitirá à indústria da região ocupar um nicho de mercado hoje explorado por empresas de fora do Estado.



GOIAS INDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira,
Débora Orsida, Isaura Carrijo,
Jávier Godinho e Nathalya Toaliari

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sílvio Simões, Alex Malheiros e
Sérgio Araújo

Capa e ilustrações

Willian Fernando

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01,
Setor Bela Vista
(62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br

contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

Superintendência da Fieg
(62) 3219-1470
(62) 3219-1720

Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Paulo Afonso Ferreira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:

Waldyr O'Dwyer

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria
Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Daniel Viana
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretor: Daniel Viana
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

Diretoria da FIEG

Presidente

Paulo Afonso Ferreira

1º vice-presidente

Pedro Alves de Oliveira

2º vice-presidente

Wilson de Oliveira

3º vice-presidente

Ivan da Glória Teixeira

1º secretário

Hélio Naves

2º secretário

Luiz Gonzaga de Almeida

1º tesoureiro

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2º tesoureiro

Antônio de Sousa Almeida

Diretores

César Helou
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Marley Antônio da Rocha
Joviano Teixeira Jardim
Frederico Martins Evangelista
Jorge Luiz Biasuz Meister
Aluísio Quintanilha de Barros
João Essado
Flávio Paiva Ferrari
Eduardo Cunha Zuppani
Laerte Simão
Luiz Antônio Vessani
José Vieira Gomide Júnior
Carlos Alberto Vieira Soares
Fábio Rassi
Sávio Cruvinel Câmara
José Luiz Martin Abuli
Eurípedes Felizardo Nunes
Aldrovan D. de Castro Júnior
José Magno Pato
Domingos Vilefort Orzil
Roberto Guimarães Mendes
Raimundo Viana Dutra
Carlos Alberto Diniz
Humberto Rodrigues de Oliveira
Mário Renato G. de Azeredo

Conselho Fiscal

Waldyr O'Dwyer
Daniel Viana
Heno Jácomo Perillo

Conselho de representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro Mabel

Conselho de representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Álvaro Otávio Dantas Maia
Ananias Justino Jaime
Aurelino Antônio dos Santos
Carlos Alberto Diniz
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos José de Moura Júnior
Carlos Queiroz de Paula e Silva
Carlos Roberto Viana
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo Gonçalves
Eduardo José de Farias
Ermani Martins Almeida
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Francisco Gonzaga Pontes
Francisco de Paula e Silva
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hermínio Pometto Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Jaime Canedo
Jair Rizzi
Jairo França
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Jorcelino José Nunes Neto
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Divino Arruda
José Francisco de Souza
José Luiz Martin Abuli
José Magno Pato
José Vieira Gomide Júnior
Laerte Simão
Leonardo Jayme de Arimatéa
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Carlos de Moura
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Paulino Barbosa
Mário Drummond Diniz
Marley Antônio Rocha
Moacyr Rabello Leite Neto
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Afonso Ferreira
Pedro Alves de Oliveira
Pedro Daniel Bittar
Pedro de Souza Cunha Júnior
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Rubens Luiz Bernardes
Rodolfo Luis Xavier Vergílio
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselho Temáticos

Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Presidente

Ivan da Glória Teixeira
Vice-Presidente
Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Meio Ambiente Presidente

Henrique W. Morg de Andrade
Vice-Presidente
Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Conselho Temático de Infraestrutura Presidente

Roberto Elias de Lima Fernandes
Vice-Presidente
Célio de Oliveira

Conselho Temático de Política Econômica Presidente

Marley Antônio Rocha
Vice-Presidente
Beyle de Abreu Freitas

Conselho Temático de Relações do Trabalho Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira
Vice-Presidente
Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa Presidente

Humberto Rodrigues de Oliveira
Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social Presidente

Antônio de Sousa Almeida
Vice-Presidente
Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócios Presidente

André Luiz Baptista Lins Rocha
Vice-Presidente
Rodrigo Penna Siqueira

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais Presidente

Heribaldo Egídio
Vice-Presidente
Igor Montenegro Celestino Otto

Conselho Temático Fieg Jovem Presidente

Alexandre Costa
Vice-Presidente
Marduk Duarte

Rede Metrológica Goiás Presidente

Heribaldo Egídio

Câmara Setorial de Mineração Presidente

Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás - FIEG

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Sávio Cruvinel Câmara
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Ernani Martins de Almeida
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto
Fone/Fax (62) 3223-6667
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Flávio Ferrari
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045 - sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143 - Jardim Marconal - CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3613-4810

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua I. 137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Roberto Elias de Lima Fernandes
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste - CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 3224-0422
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: José Francisco de Souza
Fone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calciário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3213-0378
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Cunha Zuppani
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Alves de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno - CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFACÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis-GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br

SIAA

Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias de Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

entrevista com cláudio de moura e castro

Economista pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com especialização pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mestrado pela Universidade de Yale e doutorado pela Universidade Vanderbilt. Foi economista sênior do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e professor na PUC/RJ e nas universidades de Chicago e de Brasília

O grande gargalo

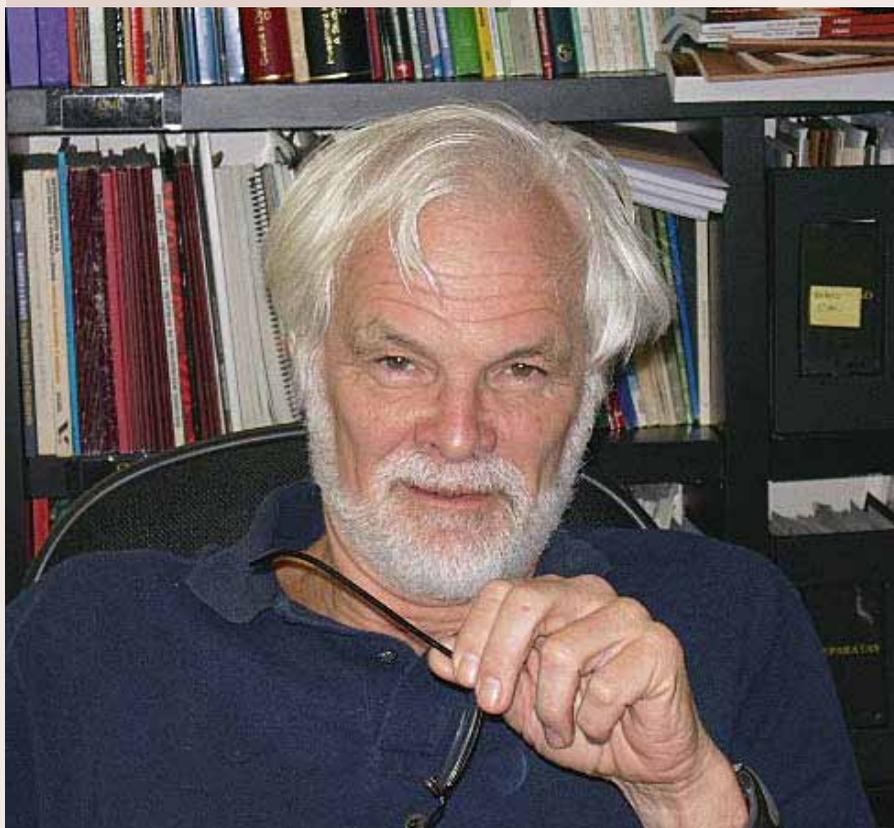
O Brasil até investe recursos adequados na educação. “Estamos na média mundial”, afirma Cláudio de Moura e Castro, economista especializado em educação, com mestrado pela Universidade de Yale e doutorado pela Universidade Vanderbilt. O problema, diz ele, é que os investimentos são mal distribuídos e concentram-se nas universidades. “O custo aluno do ensino superior público é entre cinco e dez vezes mais caro do que o ensino inicial e médio. Esse é o pepino, não os gastos totais”, afirma. Numa avaliação crítica, acrescenta ao analisar os dados do setor, “só há um gargalo: a qualidade da educação, desde o primeiro ano primário. O resto é menos importante ou é consequência.” Diante das “debilidades qualitativas” nesta área, qualquer avanço ainda parece pouco para vencer os desafios que o País tem pela frente.

Goiás Industrial – Como o sr. descreveria a situação atual e a evolução recente da educação no Brasil? Houve avanços e quais poderiam ser destacados?

Cláudio de Moura e Castro – Antes, tínhamos uma educação pequena e ruim. Agora é grande e ruim. Obviamente, foi um passo de gigante. Só que insuficiente, pelas debilidades qualitativas.

Goiás Industrial – Onde o Brasil tem errado na área educacional, levando-se em consideração a experiência internacional no setor, especialmente em países que apresentam níveis similares de desenvolvimento?

Castro – Errou, três séculos atrás. Quando Europa e Estados Unidos começaram um movimento para universalizar a escola, nada aconteceu no Brasil, além da censura a muitos livros. Na verdade, pior do que a censura era o próprio atraso educativo de Portugal. Herdamos o seu subdesenvolvimento na educação. A partir da metade do século XX é que a educação começa a crescer seriamente. Os grandes saltos são dados na década de 90. A década de 50 encontra paralelo ao que Argentina e Uruguai começaram a fazer na década de



“Só há um gargalo: a qualidade da educação, desde o primeiro ano primário. O resto é menos importante ou é consequência”

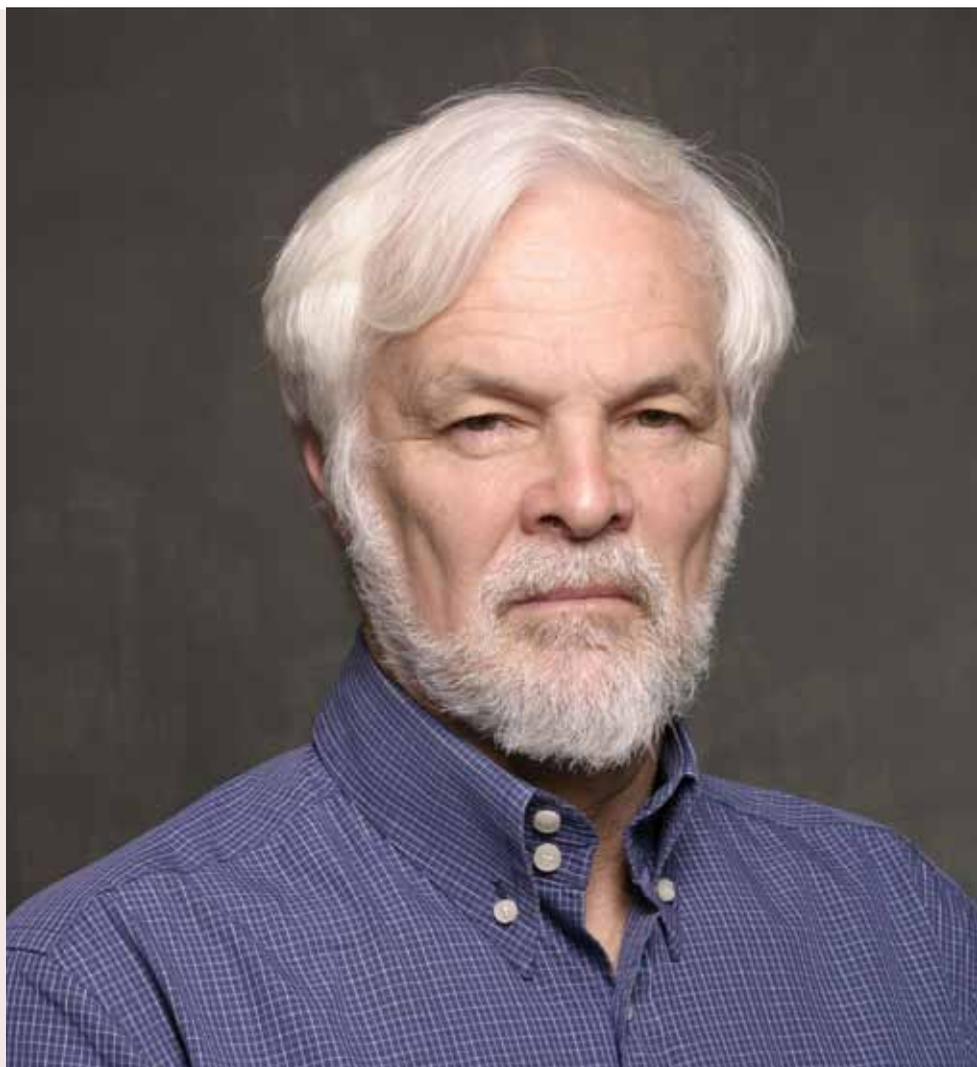
60, só que do século 19!

Goiás Industrial – Quais os principais gargalos do setor e de que forma isso tem se refletido sobre a economia e, mais particularmente, sobre o mercado de trabalho?

Castro – Só há um gargalo: a qualidade da educação, desde o primeiro ano primário. O resto é menos importante ou é consequência.

Goiás Industrial – Complementando a questão anterior, o setor industrial, com destaque para a construção civil e outros segmentos que experimentam, neste momento, aquecimento vigoroso, como o setor metalmeccânico, tem reclamado que os baixos indicadores no setor da educação, notadamente no ensino fundamental ou básico, dificultam até mesmo a formação e a capacitação de profissionais. O País corre mesmo o risco de enfrentar um “apagão” de mão de obra, embora estudos do Ipea sugiram sobra de profissionais qualificados no mercado?

Castro – Fala-se em um déficit de 15 milhões de pessoas com formação profissional inexistente ou inadequada nos próximos anos. Não vale a pena discutir números, pois tudo depende de que hipóteses se faz para chegar a eles. Mas parece claro que a aceleração do crescimento torna muito mais dramática a falta de perfis apropriados de mão de obra. Mas voltemos ao pensamento de um grande economista americano: Albert Hirschman. Tomando suas ideias livremente, ele diria que a Suíça antecipa necessidades de mão de obra, de eletricidade ou do que for. Diante dessa previsão de escassez futura, faz o necessário para que não ocorra. Nos países em desenvolvimento, a lógica é outra. A capacidade de antecipação é muito menor e a capacidade de mobilizar o processo decisório para



“O apagão (de mão de obra) tem de vir, para que as providências para cuidar dele se materializem”

cuidar de problemas que só existirão no futuro é menor ainda. Assim sendo, as soluções são impulsionadas pela premência e pungência do problema. Ou seja, o apagão tem de vir, para que as providências para cuidar dele se materializem.

Goiás Industrial – Em sua visão, como enfrentar os maiores gargalos na educação de forma a provocar mudanças na direção de uma economia mais mo-

derna e competitiva?

Castro – É preciso concentrar toda a artilharia no problema da falta de qualidade nos anos iniciais. Isso é mais verdade quando consideramos que os brasileiros não se dão conta de que seus filhos recebem uma educação muito ruim.

Goiás Industrial – O baixo investimento em educação no Brasil resulta de desinteresse de nossas elites, de um

projeto mal formulado de dominação (hipótese conspiratória, em voga em algumas áreas), da falta de visão e de planejamento dos governos, incúria ou de uma soma de tudo isso?

Castro – O investimento não é tão baixo. Estamos na média mundial. Há países com melhor educação do que a nossa gastando menos. Contudo, com uma população ainda jovem, deveríamos gastar mais. Seja como for, o problema é menos no total de gastos do que no seu desequilíbrio. Dependendo de como estimamos, o custo aluno do ensino superior público é entre cinco e dez vezes mais caro do que o ensino inicial e médio. Esse é o pepino, não os gastos totais. No sentido estrito de que gastamos demais com um ensino público superior, voltado para as elites, certamente, elas demonstram considerável placidez diante desse desequilíbrio. Contudo, vejo mais inércia do que conspiração.

Goiás Industrial – Qual o papel de estruturas como a do Senai na qualificação da mão de obra no País? De que forma seria possível dimensionar a importância da instituição?

Castro – É fundamental entender que sem o Senai dificilmente o Brasil teria tido o êxito que teve em sua industrialização. Quando consideramos que o Brasil obteve 2º e 3º lugares na maior competição mundial de ofícios (World Skills), passando na frente da Suíça, Alemanha e Japão, podemos ter uma mostra da excelência da formação oferecida pelo Senai.

Goiás Industrial – Por que, em sua opinião, volta e meia, surgem propostas para alterar o chamado “Sistema S”, cortar recursos do setor e criar novas estruturas

para substituir o que parece estar dando certo? As principais críticas contra o Senai são procedentes?

Castro – Ciúme e inveja! Há a inveja do setor educativo que não se conforma com o fato de que os empresários sabem operar escolas e ele não. Há a inveja de ver o bom naco de recursos que o Sistema S recebe. Mas talvez a mais profunda mágoa seja ideológica. As nossas esquerdas trogloditas jamais aceitaram que o setor empresarial opere e mande no sistema de formação profissional. Isso para eles é uma punhalada no coração. Pior ainda, o Senai funciona bem, tirando os argumentos que gostariam de ter. Em contraste, quase toda a liderança do movimento sindical operário tem diplomas do Senai, a começar pelo nosso presidente. Nenhum deles jamais abriu a boca para falar mal do Senai. Participei de um encontro na sede da CUT (Central Única dos Trabalhadores), em São Paulo. Um sociólogo tomou a palavra para discorrer longamente contra o Senai. O sindicalista presidente da mesa entrou em cena para contestar seus argumentos e defender o instituto.

Goiás Industrial – O sr. destaca, em artigos e outras publicações, que os professores desaprenderam ou perderam a capacidade de ensinar. A partir de que momento histórico isso se torna uma realidade e por que isso ocorreu? Quais os reflexos dessa mudança para o País?

Castro – A velha geração dos Institutos de Educação aprendia a dar aula. Coisas caretas, como fazer plano de aula, ensinar isso ou aquilo. Podia não ser a última palavra do pensamento pedagógico, mas ajudava. Com as novas modas pedagógicas (inspiradas em uma deturpação do construtivismo), isso tudo passou de moda. Os professores aprendem sobre luta de classe, sobre marxismo e nada do assunto que vão ensinar ou de como manejar uma sala de aula. Não admi-

“As nossas esquerdas trogloditas jamais aceitaram que o setor empresarial opere e mande no sistema de formação profissional”





“Dependendo de como estimamos, o custo aluno do ensino superior público é entre cinco e dez vezes mais caro do que o ensino inicial e médio. Esse é o pepino”

ra que os alunos não aprendam o que eles não aprenderam a ensinar.

Goiás Industrial – O Brasil precisa “cuidar” melhor de seus professores e de sua formação?

Castro – Ambos são críticos. Fiz uma pesquisa que mostrou que 80% dos professores do sistema privado estavam contentes. No mesmo momento, outra pesquisadora descobriu que 80% dos professores da rede pública estavam descontentes. E o que é mais surpreendente, os salários da rede privada são ligeiramente inferiores aos da pública. Ou seja, algo está profundamente errado na forma pela qual as públicas são geridas e como lidam com seus professores. Isso é indiretamente confirmado pelo alto grau de satisfação dos professores de escolas públicas em que os diretores têm grande liderança e magnetismo pessoal. Para o segundo assunto, como sugerido acima, a formação dos professores é catastrófica. É ideologia, teorias abstratas e ‘discurseira’ sobre tópicos que ninguém entende. Mas não se ensina a dar aula e não se ensina o conteúdo que deveria ser transmitido aos alunos. Os estágios são pura fraude. Basta considerar que os cursos privados são noturnos e os alunos trabalham. Acontece que não há aulas do ensino fundamental noturnas. Assim, mesmo que quisessem, os alunos não poderiam estagiar em aulas de verdade.

Goiás Industrial – Quais as experiências mundiais mais bem-sucedidas na área de educação e por que elas deram certo?

Castro – As experiências dos países de tradição chinesa são muito idiossin-

cráticas. É um povo com uma dedicação à educação que é incompreensível para nós. E, também, uma disciplina férrea, com jornadas diárias de 10 horas, como na Coreia. A pedagogia é simples: “Menino, senta na cadeira e estuda até aprender!”. Há relativamente poucas lições para nós. Os Estados Unidos têm o melhor e o pior (dentro do Primeiro Mundo). Suas escolas de excelência são imbatíveis e o desenvolvimento de iniciativa e criatividade fazem parte da cultura americana. Podemos aprender com elas, mas também com aquelas que atendem clientela muito pobres, pois têm os mesmos problemas que as nossas e as soluções tendem a ser muito interessantes. A Europa é um meio termo. São escolas mais para o tradicional, mas com muito profissionalismo. Acho que até certo ponto, são uma boa referência para nós.

Goiás Industrial – Por fim, quais as perspectivas para a educação no Brasil nos próximos anos?

Castro – O crescimento vertiginoso das últimas décadas permitiu testar a capacidade da sociedade para melhorar o ensino. Mas abrir vagas e arrumar o funcionamento das escolas era mais fácil. Agora resta lutar para melhorar a qualidade. Isso é mais invisível e mais árduo. Pode ser feito, mas vai depender muito dos governos que vierem pela frente. ■

“É fundamental entender que sem o Senai dificilmente o Brasil teria tido o êxito que teve em sua industrialização”

EMPREGOS ON-LINE

Via web, a oferta de vagas e a procura por emprego tornam-se mais práticas. Empresas e profissionais navegam nessa via promissora de oportunidades

■ *Célia Oliveira*

Até pouco tempo, o jornal, as agências de empregos e os amigos eram as principais referências para se conseguir uma colocação. As opções ainda valem, contudo, a internet é o novo local para empresas e profissionais se encontrarem. A tela de um computador é a nova vitrine de quem procura um emprego e o meio para quem oferece trabalho.

As facilidades e comodidades desta mídia agradam a quem usa e, a cada dia, cresce o acesso. A agilidade da rede e sua capacidade de conectar pessoas de diferentes lugares fazem da internet terra de oportunidades. Pode-se até dizer que quem está conectado abrevia o tempo de desocupação com menos recursos orçamentários.

Empresário do ramo de reciclagem, Eurípedes Alcântara Silva aposta na internet para o recrutamento de profissionais. Por meio do site www.empregandotalentos.com.br, do Instituto Euvaldo Lodi (IEL),



“Com o site todos ganham: tanto a pessoa que procura trabalho quanto o empresário”

EURÍPEDES ALCÂNTARA SILVA, DONO DA METAIS SÃO CRISTÓVÃO, EMPRESA DE RECICLAGEM

ele já disponibilizou vagas de sua empresa, a Metais São Cristóvão, e teve rápido e bom retorno. Alcântara conta que recorria a métodos tradicionais para recrutamento de candidatos, mas hoje, dirige a demanda para a rede dado às facilidades oferecidas.

Segundo ele, o serviço é interessante porque possibilita fazer pré-análise de currículos, evitando receber grande

número de candidatos para entrevistas. “Essa ferramenta é importante face à modernidade que estamos vivenciando, em que a cada dia é preciso ganhar tempo. Com o site todos ganham: tanto a pessoa que procura trabalho quanto o empresário”, comenta. Outra vantagem de usar a ferramenta apontada pelo empresário é o maior acerto do perfil do candidato. “O

Na rede, em busca de opções

Da mesma forma que organizações garimpam talentos utilizando as facilidades da internet, profissionais apostam no meio e exibem seus currículos nessa vitrine, procuram por empresas que podem responder a seus propósitos e constroem networking. É o caso da economista Stefânia Maciel e da administradora de empresas Keila Silva, que estão na rede à procura de melhor colocação no mercado de trabalho.

Com currículo postado no site www.empregandotalentos.com.br, Stefânia Maciel, que antes procurava emprego pelo jornal e outros sites, enumera os diferenciais do mesmo. “Respostas rápidas ao candidato, vagas direcionadas ao perfil e a renovação não automática do cadastro do período gratuito para o pago.” Já chamada para entrevista, ela aposta na ferramenta desenvolvida pelo IEL Goiás, que, segundo ela, “possui um layout de fácil manuseio e é muito prático. Além disso foi concebido pelo IEL, que é conceituado e líder no mercado em que atua.”

Com expectativas de conseguir nova colocação no mercado, Keila Silva procura há três meses por essa oportunidade. Ela conheceu o site especializado para o emprego por meio de outro portal, o www.sitedoestagio.com.br, também do IEL Goiás. “Achei simples o acesso e já tive um convite para entrevista, porém não é ainda o que almejo. Vou continuar a pesquisar”, afirma. Keila admite a força da concorrência e crê que a internet seja o caminho mais prático para se chegar às empresas. “Bom também porque a qualquer hora e de qualquer lugar posso acessar e acompanhar as ofertas de vagas”, acrescenta.

Tanto para Stefânia quanto para Keila, a estratégia de imprimir currículos e enviar para empresas já foi esquecida, pois o que vale é apostar no potencial da web para ser visto e lembrado e aquecer a comunicação.

**www.
empregandotalentos
.com.br**

Via de mão dupla

O novo serviço do IEL Goiás acompanha a tendência tecnológica para melhor atender pessoas e empresas. A tradição em estágio explica o investimento em ferramentas para intermediar o contato entre os profissionais recém-formados e empresas.

De acordo com a gerente do projeto do site www.empregandotalentos.com.br, Daniela Cardoso, o objetivo é facilitar as contratações e intermediar o contato entre profissionais e empresas, aproveitando os jovens cadastrados no portal do estágio que não têm mais condições de ser estagiários. “O site também está aberto para outros profissionais que procuram opções de agilizar a mudança de emprego, ou conseguir o primeiro”, acrescenta.

O superintendente do IEL, Paulo Galeno Paranhos, explica que o projeto

foi concebido pensando em atender aos recém-formados, transferindo a eles o apoio do IEL na continuidade da vida profissional. “Atende também à demanda das empresas, que podem dar continuidade ao vínculo de trabalho com pessoas qualificadas e expor com menos esforços e custos as oportunidades de emprego que têm, contribuindo com o saldo positivo de geração de empregos em Goiás”.

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (MTE/Caged), em março deste ano Goiás encerrou o primeiro trimestre de 2010 com recorde na geração de empregos, com 60.085 admissões contra 46.331 demissões, saldo positivo de 13.754, o que provocou aumento de 1,15% no estoque de empregos. ■

NA HISTÓRIA Emprego e tecnologia

Conceito que surgiu na época da Revolução Industrial - metade do século XVIII (1760) na Inglaterra - se configurando em uma relação entre homens que vendem força de trabalho por algum valor (remuneração), e homens que compram a força de trabalho pagando algo em troca (salário) o emprego é de longa data o meio das pessoas suprir suas necessidades e manter integração social.

O mundo em mudanças sempre reservou espaço para esta relação que, pela ação do próprio homem, sofre alterações com intuito de melhor se adequar ou responder à realidade socioeconômica ou cultural. Seja por leis, métodos ou sistemas, o fator emprego, indiscutivelmente, ocupa o pensamento do homem, sobretudo, o moderno, diante da realidade trazida pela tecnologia. Esta ciência, ao mesmo tempo em que reduziu postos, modernizou o meio de trabalho exigindo em determinadas áreas conhecimentos e domínios específicos, hoje impõe ao trabalhador acesso a recursos midiáticos para se manter na vitrine do mercado de trabalho.

IEL Goiás anuncia os Prêmios

- IEL de Estágio
- Melhor Supervisor de Estágio nas Empresas
- Melhor Orientador de Estágio nas Instituições de Ensino

Inscrições

até 20 de agosto pelo
www.sitedoestagio.com.br



Toda grande carreira tem um início.
Comece bem a sua.
Inscreva seu projeto e mude para sempre sua história.

Prêmio

Melhor Supervisor de Estágio
nas Empresas

Uma iniciativa para valorizar
a atuação do professor e
do profissional na melhor
formação do estudante.

Prêmio

Melhor Orientador de Estágio
nas Instituições de Ensino

Contato: (62) 3216-0305

“O setor sucroenergético, o que mais investiu nos últimos quatro anos, tem sido um dos principais propulsores desse desenvolvimento”



André Luiz Batista Lins Rocha
Engenheiro civil e presidente executivo do Sindicato da Indústria do Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg)

A energia da economia goiana

Em 1999, Goiás começou era de transformação, deixando de ser um Estado agrícola para crescer industrialmente. Nessa época, Goiás, depois que o setor sucroenergético enfrentou grande crise, contava com apenas 11 usinas. A visão de trazer uma alternativa energética mais barata e eficiente, além de grande geradora de empregos no interior, fez com que o governo atraísse diversas indústrias produtoras de etanol, açúcar e bioeletricidade, assim como unidades de outros setores da economia, gerando emprego e renda, tão vitais para a construção de um futuro de grandeza para o Estado.

Em 2003, o aparecimento dos veículos flex fez com que o setor sucroenergético tomasse grande impulso e passasse a investir cada vez mais em sua consolidação. Hoje, quase 90% dos carros produzidos no País são flex. Em 2004, pela primeira vez, a produção goiana superou nosso consumo interno. Essa autossuficiência tornou possíveis preços menores para o consumidor goiano (hoje Goiás tem o menor preço de etanol de todos os Estados brasileiros), diminuindo o “custo Goiás” e consequentemente dando mais competitividade às indústrias do Estado.

O etanol brasileiro saltou para o holofote global como solução energética eficiente, sustentável e renovável para reduzir efeitos do aquecimento global. As exportações aumentaram e as perspectivas



de abertura do mercado americano (o que, infelizmente, ainda não ocorreu) geraram grandes investimentos. Com isso, 25% das unidades produtoras foram abertas nos últimos quatro anos. Em Goiás, 50% das usinas foram implantadas de 2005 para cá.

Hoje, temos 33 unidades em produção, somos o 4º maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil, o 5º de açúcar e o 2º de etanol. Nossa produção de etanol de 2009, cerca de 2,2 bilhões de litros, foi maior que toda a do Nordeste brasileiro.

Goiás, que graças a essa política de desenvolvimento industrial iniciada nos últimos dez anos mais do que triplicou seu PIB, cresce e gera empregos acima da média nacional. O setor sucroenergético, o que mais investiu no Estado nos últimos quatro anos, tem sido um dos principais propulsores desse desenvolvimento.

O setor é autossuficiente na produção de energia, investe na melhora de sua eficiência energética para, por meio da co-geração com a queima de bagaço e de palha, produzir e exportar energia para o sistema elétrico nacional. Goiás é o 2º produtor de energia a partir da biomassa e, dentro de três anos, terá potencial para produzir 3 mil MW de energia, exportando (vendendo) 2 mil MW, o equivalente a três usinas de Cachoeira Dourada ou mais do que todo o consumo do sistema Celg atual (1.700 MW).

Tudo indica que teremos safra recorde este ano: 48 milhões de toneladas de cana (aumento de 20%). Isto ocupando pouco mais de 1% das terras de nosso Estado, contra 35% da pecuária e 8% da soja. Alguns problemas aparecem em nosso horizonte: os gargalos logísticos que os produtores enfrentam, devido aos altos custos de transporte rodoviário e ferroviário (até 15% de nosso custo). A hidrovía Tietê-Paraná (a partir de São Simão-GO) e a Ferrovia Norte-Sul (com previsão de término até 2011) minimizariam o problema, restando a questão de armazenamento e dos custos portuários.

As empresas de nosso setor investem em conservação das rodovias e só esperam um marco regulatório de parcerias público-privadas para efetuar inclusive investimentos na construção de rodovias. Os desafios são muitos. Maiores que eles só a certeza de que o setor sucroenergético tem a vontade e a competência para superá-los.

Com um PÉ no mundo

Unidade de Atendimento da Apex-Brasil em Goiás trabalha a todo vapor para ampliar a base de empresas exportadoras no Estado



Vendas externas: apoio para capacitação de empresas com potencial exportador

Em seus primeiros seis meses de atuação em Goiás, a unidade de atendimento da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) atendeu 150 empresas, entre exportadoras e não-exportadoras, esclarecendo dúvidas relacionadas ao comércio e ao mercado internacionais, fornecendo suporte para participação em feiras e missões comerciais ao exterior, além da promoção de rodadas de negócios, seminários e palestras.

Inaugurada em dezembro passado, a unidade está instalada na sede da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e é o resultado de uma parceria entre a agência, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Fieg, por meio de seu Centro Internacional de Negócios (CIN). Na prática, a unidade já opera desde novembro, buscando ampliar o acesso de empresas exportadoras ao mercado global e atrair indústrias goianas

com potencial para a exportação.

“A proposta é promover a expansão da base exportadora e incrementar os valores exportados pelo Estado”, reforça o gerente do CIN Fieg, Plínio Viana. Dessa forma, prossegue ele, a unidade goiana da agência, em sintonia com o CIN Fieg, “atuou nesses primeiros meses com ações e atendimentos que auxiliam as empresas goianas no processo para que iniciem, fortaleçam e ampliem as exportações de seus produtos e serviços, contribuindo de forma sustentável com a participação delas no mercado internacional.”

Em março, relembra Viana, numa parceria entre o Sindicato das Indústrias Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindifargo), com apoio do Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg, a unidade da Apex-Brasil reuniu-se com empresas do setor farmoquímico para apresentar o Projeto Setorial Integrado (PSI) para a área de produtos farmoquímicos e far-

Ao sabor do mercado externo

(Exportações goianas, valores em US\$ milhões)

Ano	Vendas externas
1998	381,67
1999	325,89
2000	544,86
2001	595,27
2002	649,31
2003	1.103,19
2004	1.413,12
2005	1.817,39
2006	2.093,11
2007	3.184,78
2008	4.091,75
2009	3.614,96

Fonte: Mdic

macêuticos, incluindo três novas empresas goianas no projeto. Entre 16 participantes de todo o País, 5 são indústrias de Goiás. Nesse trabalho, serão estruturadas diversas ações destinadas a potencializar oportunidades de negócios lá fora, assim como reduzir entraves regulatórios no comércio com outros países e promover encontros de negócio com importadores em potencial.

Num trabalho conjunto com os centros de negócios da Apex-Brasil instalados na Europa e na China, a unidade da agência em Goiás desempenhou papel relevante no apoio às empresas que participaram das recentes missões comerciais ao Leste Europeu e à China. “Saímos de Goiás com uma agenda pré-definida de reuniões e encontros de negócios. O fato de podermos contar com um plano de trabalho já estabelecido permitiu adotarmos objetivos mais focados”, comenta Wilson de Oliveira, segundo vice-presidente da Fieg. ■

A moda da hora

Talento e qualidade: desfiles realizados em 2009 apresentaram ao mercado o que há de melhor na moda goiana

Maior evento do setor no Centro-Oeste deverá gerar negócios de até R\$ 55 milhões neste ano

O Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest) espera aumento entre 30% e 40% no volume de negócios gerados durante e na sequência da segunda edição da Goiás Mostra Moda, realizada entre os dias 22 e 25 de junho, no Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Goiás, localizado no Campus II da instituição, em Goiânia. A feira realizada em 2009, de acordo com o presidente do Sinvest, José Divino Arruda, movimentou perto de R\$ 39 milhões, dos quais R\$ 21 milhões fechados durante o evento e outros R\$ 18 milhões ao longo dos seis meses seguintes.

Considerada a maior mostra do setor no Centro-Oeste, a Goiás Mostra Moda reuniu 95 expositores e atraiu 6 mil compradores de todo o País, além de um público estimado em 30 mil pessoas. A estimativa inicial sugere movimentação ao redor de R\$ 50 milhões a R\$ 55 milhões, levando-se em conta transações realizadas durante os quatro dias da feira e os negócios que deverão se concretizar nos próximos meses. Realizada pelo Sinvest, a mostra teve apoio do governo do Estado de Goiás, por meio da Secretaria da Indústria e Comércio, do Sebrae, que organizou as roda-

das de negócios, do Senac, Senai Goiás, que responderam pela realização de oficinas e palestras voltadas para o segmento produtor de moda, e do Ministério do Turismo.

Com novos formato e dimensões, a estratégia de divulgação da Goiás Mostra Moda passou a incluir, neste ano, ferramentas tecnológicas e novidades mais recentes nesta área, a exemplo do Twitter e de uma tevê web, responsável pela cobertura on-line do evento, além de incorporar redes sociais como o Orkut. Desfiles, entrevistas e depoimentos de visitantes e expositores chegaram ao público interessado por meio da rede mundial de computadores, amplificando a divulgação da mostra.

A realização da feira no Campus II da UFG, diz Arruda, permitiu aproximar a indústria da moda da academia, criando maior interação e troca de experiências e conceitos entre empresários e acadêmicos. ■



A questão URBANA

Prefeitos, lideranças empresariais e políticas, engenheiros e técnicos debatem os grandes dilemas enfrentados pelos municípios



Segunda edição: encontro discute mobilidade urbana, destinação do lixo e captação de recursos para as cidades

O debate sobre os caminhos para enfrentar os grandes temas que afligem os centros urbanos dominou o segundo encontro entre prefeitos goianos e o Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), realizado em abril, na sede da entidade, em Goiânia. Promovido pelo Sinduscon-GO e pela Associação Goiana de Municípios (AGM), o evento reuniu prefeitos de vários municípios goianos, secretários estaduais e municipais, vereadores, lideranças empresariais e representantes do setor de engenharia.

“Discutimos temas que têm sido verdadeiras bandeiras de nossa entidade, a começar pela captação de recursos para os municípios por meio da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil. Espero que as autoridades presentes implantem as sugestões apresentadas e que levem adiante as propostas discutidas”, comentou o presidente do Sinduscon-GO, Roberto Elias.

Na abertura do encontro, o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, defendeu a necessidade de aprimorar a gestão pública, avançando nos sistemas de arrecadação e

de distribuição de recursos. Para ele, “não é mais admissível que um gestor público fique com um olho em sua administração e outro no adversário político.” O administrador eficiente, arrematou Ferreira, “deve olhar com dedicação para sua cidade e estar atento a experiências bem sucedidas de outros municípios, por isso é importante participar de eventos assim.”

A presidente da Agência Goiana de Habitação (Agehab), Silmara Vieira, reforçou a proposta do presidente da Fieg. De acordo com ela, os líderes do Executivo municipal devem se unir e fortalecer suas gestões, pois são eles que lidam diretamente com a população e conhecem suas reais demandas. Para ela, a palavra de ordem deveria ser a qualificação da gestão e a busca de recursos, por meio de projetos de qualidade. “Que a disputa política não seja prejudicial ao desenvolvimento das cidades”, sublinhou.

Além da gestão pública, o meio ambiente esteve entre os assuntos centrais do 2º Encontro Sinduscon-GO/AGM. A promotora Sandra Mara Garbelini, coordenadora do Centro de Apoio Operacional do Meio

Ambiente do Ministério Público de Goiás, afirmou que Goiás tem hoje apenas nove aterros sanitários, com a pior situação entre os Estados do Centro-Oeste, já que 74% do lixo produzido é depositado de forma incorreta. Segundo ela, a legislação ambiental foi aperfeiçoada e prevê tratamento mais severo para evitar a disseminação de lixões a céu aberto, “com consequências danosas para a coletividade do próprio município.”

Participante do encontro, o ex-prefeito de Curitiba e deputado federal Cássio Taniguchi disse que o planejamento urbano deve observar o tripé “uso do solo-sistema viário-transporte público”, pensando na qualidade da mobilidade da população. O uso excessivo de automóveis, afirma ele, torna as cidades inviáveis, além de contribuir para as emissões de gases formadores do efeito estufa.

As soluções mais adequadas nem sempre são as mais caras, como o metrô, por exemplo, lembrou Taniguchi. Cabe ao gestor adotar um sistema de transporte público compatível com as finanças públicas e que melhor responda às demandas locais. ■

Miguel Ângelo / CNI



Eleições na CNI

Com votos de todos os representantes das 27 federações de indústria do País, o empresário Robson Braga de Andrade, atual presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), foi eleito por unanimidade, em maio passado, para a presidência da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Andrade substituirá Armando Monteiro Neto no próximo dia 29 de outubro, quando a nova di-

retoria será empossada para um mandato de quatro anos. Formada por 43 integrantes, a diretoria eleita terá o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, como primeiro vice-presidente, Francisco Gadelha, presidente da federação da Paraíba, na diretoria financeira e o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, como diretor secretário. Na foto, Monteiro, Andrade e Paulo Afonso trocam cumprimentos.

Planejamento sindical

Os sindicatos da indústria goiana filiados à Fieg iniciaram ofensiva para mobilizar diretores e associados, envolvendo-os na construção do planejamento estratégico do setor sindical, o que deverá reforçar a defesa dos principais interesses do setor. A campanha tem apoio do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA), cujo objetivo é fortalecer os sindicatos, apontando caminhos para aprimorar suas atuações, conferir maior legitimidade e transparência sobre o direcionamento da entidade.

Conciliação e arbitragem

O novo corpo arbitral da 6ª Corte de Conciliação e Arbitragem foi empossado no dia 16 de abril passado, em cerimônia realizada na Casa da Indústria, sede da Fieg. Tomaram posse 30 novos árbitros, metade indicada pela Fieg e metade pela Ordem dos Advogados do Brasil – Seção de Goiás (OAB-GO), uma conciliadora árbitra, escrevente e mensageiro arbitral. O mandato dos novos componentes da corte encerra-se em 17 de setembro de 2011, conforme Decreto Judiciário 2723/2009, de 17 de dezembro do ano passado.

Cadeia automotiva

A Fieg recebeu líderes empresariais e autoridades em almoço (foto) promovido para o lançamento, em Goiás, do Edital de Projetos para Inovações Empresariais Coletivas, no âmbito do Programa Banco Interamericano de Desenvolvimento/Confederação Nacional da Indústria para Desenvolvimento Territorial. O programa apoia projetos de fortalecimento da atividade econômica em quatro Estados e, em Goiás, sua ação terá como foco o adensamento da cadeia automotiva. O edital pode ser consultado no site www.sistemafieg.org.br. As inscrições estarão abertas até setembro de 2011 ou até que se esgotem os recursos previstos, num total de US\$ 1,8 milhão.



Campanha cívica

A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) decidiu aderir à campanha promovida pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, delegacia em Goiás (Adesg/GO), que pretende incrementar o uso da Bandeira Brasileira em escritórios, lojas e vitrines, gabinetes dos setores público e privado, salas de espera e hall de edifícios. A Fieg quer estimular as indústrias do Estado a estamparem o pavilhão nacional.



Energia com QUALIDADE

ICQ Brasil entrega à Cesp certificado de que seus processos seguem as rigorosas especificações da versão 2008 da norma ISO 9001

Maior empresa de produção de energia elétrica de São Paulo, terceira maior geradora do Brasil e da América Latina, com potência instalada de 7.455 megawatts (MW), a Companhia Energética de São Paulo (Cesp) acaba de entrar para o time de empresas atendidas pelo ICQ Brasil, reforçando sua carteira de clientes. No último dia 7 de abril, durante evento realizado na Usina e Eclusa Engenheiro Souza Dias, mas conhecida como Jupiá, em São Paulo, foi entregue o certificado de

um dos processos dos sistemas de gestão da qualidade adotados pela Cesp.

A empresa paulista é a terceira do setor elétrico atendida pelo ICQ Brasil, que inclui ainda em seu portfólio Furnas e Chesf, ambas do grupo Eletrobrás. A prioridade concedida pela Cesp à certificação pode ser avaliado pela solenidade ocorrida em Jupiá, prestigiada pelo diretor presidente da empresa, Wilson Daniel Christofari, além dos diretores Armando Shalders Neto (admi-

nistrativo), Iramir Barba Pacheco (de engenharia e construção) e Jorge Luiz Ávila da Silva (financeiro e de relações com investidores) e 80 funcionários.

O certificado foi entregue pelo superintendente do ICQ Brasil, Paulo Galeno Paranhos, que destacou a “demonstração de vontade” da diretoria da empresa, ao se deslocar até Jupiá “somente para registrar a importância da qualidade e o respeito para com seus clientes e colaboradores.”

Recuperação de estruturas

De acordo com a Cesp, todos seus sistemas de gestão da qualidade (SGQ), num total de nove, enfrentaram o processo de validação para certificação na nova versão da norma NBR ISO 9001:2008, recebendo o atestado de conformidade. Seis deles foram certificados novamente, além dos outros três que passaram por esse processo pela primeira vez. Segundo o Departamento de Comunicação da geradora, “o processo do Laboratório Cesp de Engenharia Civil (Lcec) foi um dos recomen-

dados para recertificação para a nova versão da norma”. Seu escopo foi ampliado com a inclusão do processo Ensaios Laboratoriais.

“O escopo Avaliação e Recuperação de Estruturas Civas por meio de Injeção em Concreto e Ensaios Laboratoriais foi auditado e Certificado pelo ICQ Brasil. Os outros oito processos foram auditados e certificados pelo Bureau Veritas (BV)”, prossegue a Cesp.

Na visão da empresa, o êxito na implantação de um processo de melhoria contínua,

com o objetivo de obtenção da certificação, depende do envolvimento da alta direção na definição de políticas e diretrizes incorporadas e consolidadas ao mapa estratégico da operadora. “O empenho dos empregados envolvidos em cada processo também foi essencial. A equipe de auditores internos do SGQ, por exemplo, é formada por operadores de usinas, técnicos, engenheiros e empregados da área administrativa”, explica a assessoria da Cesp.

Maior controle e satisfação

Os auditores internos checam se os processos atendem à ISO 9001:2008. Para a Cesp, “a recertificação mostra o reconhecimento da qualificação do Lcec e a capacidade dos empregados em superar desafios”. A norma estabelece requisitos que auxiliam na melhoria dos processos internos, assegurando maior capacitação dos colaboradores, além de possibilitar verificação da satisfação dos clientes e das partes interessadas, em um processo contínuo de melhoria do SGQ, acrescenta a geradora.

Entre outros benefícios, a adoção da ISO permite padronizar processos-chave dentro da empresa e aqueles que afetam o produto entregue ao cliente. A Cesp relaciona, ainda, a possibilidade de monitorar e aferir, por meio do sistema Balanced Scorecard, a qualidade dos produtos e serviços, de forma a preservar sua conformidade com a norma técnica. Torna-se possível, por fim, realizar a revisão sistemática dos processos e do sistema da qualidade para garantir sua eficácia.

Sob o ponto de vista do ICQ Brasil, a certificação ganha importância não apenas



Por dentro da hidrelétrica: visita à sala de controle de todas as seis usinas que compõem o complexo Cesp

para a Cesp, que pôde assegurar a qualidade de áreas estratégicas para a empresa, mas para o próprio Sistema Fieg. “Uma empresa como essa é importante por suas dimensões e por seu peso estratégico na economia, demonstrando estar ciente de suas

responsabilidades”, comenta Paulo Galeno. “A Cesp é uma empresa muito grande e, apesar de todas suas atividades, ainda conseguiu espaço para registrar o momento da qualidade”, reforça o superintendente do ICQ Brasil. ■



Momento solene: Iramir Barba Pacheco, diretor de Engenharia e Construção da Cesp, recebe o certificado de Paulo Galeno, do ICQ Brasil

Alguns clientes do ICQ Brasil

- Tribunal Regional Eleitoral de Goiás (TRE-GO)
- Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF)
- Tribunal Regional Eleitoral do Tocantins (TRE-TO)
- Furnas Centrais Elétricas S.A.
- Superior Tribunal de Justiça (STJ)
- Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás (Seplan-GO)
- Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás/ Funprodutir
- Agência Goiana de Regulação, Controle e Fiscalização de Serviços Públicos (AGR)
- Instituto de Assistência dos Servidores Públicos do Estado de Goiás (Ipsago)
- Superintendência Municipal de Água e Esgoto de Catalão (SAE Catalão)
- Saneamento de Goiás S.A. (Saneago)
- Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA)
- Companhia de Processamento de Dados do Município de Goiânia (Comdata)

A telha que vem do NORTE

Estudo da Rede Goiana de Pesquisa em Tecnologia Mineral, integrada pelo Senai, desenvolve produto inovador e competitivo

■ Divina Rosa

Donos de indústrias do polo de cerâmica vermelha do Norte Goiano – constituído por 33 estabelecimentos localizados em 22 dos 26 municípios da região – vivem grande expectativa com o desenvolvimento de um novo produto. A telha engobada, em avançada fase de estudos desenvolvidos pela Rede Goiana de Pesquisa em Tecnologia Mineral, integrada pelo Senai (veja box), é resultante de processo de coloração que a torna mais resistente, com menor absorção de água, maior durabilidade e melhor estética. Melhor ainda, utiliza em sua composição produtos naturais da região, como a argila.

O entusiasmo é justificável: a inovação tecnológica pretende ocupar nicho de mercado exclusivo, com vantagens em relação

às telhas coloridas (colorificadas e/ou esmaltadas) já existentes, como, por exemplo, quanto à durabilidade, entre outras características. A intenção dos pesquisadores com o projeto Desenvolvimento Experimental de Novos Produtos para o APL (Arranjo Produtivo Local) Cerâmica Vermelha é incorporar na fabricação da telha o processo de ‘engobamento’, hoje realizado à parte nos produtos existentes.

“Na realidade vamos agregar a etapa de aplicação do produto no processo de fabricação da telha”, explica Sílvio Divino Carolina, químico industrial e coordenador de pesquisa do Laboratório de Ensaios Cerâmicos da Superintendência de Geologia e Mineração da Secretaria Estadual de Indústria e Comércio, integrante da Rede Goiana de Pesquisa em Tecnologia Mineral.



Telha engobada: maior valor agregado e preço mais competitivo do que produtos concorrentes

Novos mercados

Aumentar o leque de produtos, o valor agregado, a qualidade e abrir novos mercados para as cerâmicas do Norte de Goiás são resultados esperados pelos pesquisadores. Hoje, em Goiás, esse nicho de mercado é atendido por indústrias de Santa Catarina e São Paulo, com telhas colorificadas que utilizam insumos minerais de valor bem superior que os naturais utilizados na pesquisa, como a argila.

Com o desenvolvimento local da inovação tecnológica, os ceramistas poderão ter maior competitividade no mercado regional. “A telha cerâmica custa em média, em Goiás, R\$ 0,60 a unidade, a de Santa Catarina, colorificada ou esmaltada, tem preço médio de R\$ 3,40. Acreditamos que as indústrias locais terão condições de competir em preço e qualidade, com o novo produto”, aposta José Adalberto de Macedo, analista de laboratório da Superintendência de Geologia e Mineração responsável pelos testes em laboratório.

“Ainda não trabalhamos com diversidade de cores. Com o material desenvolvido, a coloração é clara e traz benefícios agregados, além da beleza estética e resistência, como a não-absorção dos raios solares e, conseqüentemente, menor aquecimento do ambiente”, destaca o geólogo Tércio Pina Barros, integrante da Rede de Pesquisa.

O próximo passo do projeto desenvolvido no APL, onde 22 cerâmicas já estão com seus produtos em conformidade com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e uma é certificada pelo Inmetro, é a realização de teste-piloto em maior escala nas indústrias cerâmicas.

Em fase de testes: Macedo, da Superintendência de Geologia e Mineração, aposta em bons resultados para o setor





Sílvio Divino:
agregar a
etapa de
aplicação do
produto ao
processo de
fabricação da
telha

“Estudar, testar, planejar”

O empresário Amado Olímpio Rosa, da Cerâmica Santo Antônio, acompanha de perto o trabalho dos pesquisadores e quer ser o primeiro a fazer os testes do novo produto. “Acredito que, com esse novo produto, iremos ocupar um mercado que já existe em Goiás e que hoje é atendido por empresas de fora. Não podemos deixar esse mercado aberto, temos de correr atrás.”

A empresa, estabelecida em Mara Rosa desde 1972 e atualmente com 68 funcionários registrados, é uma das pioneiras no Estado. Entre outros, emprega um técnico formado pela Escola Senai Mário Amato, de São Paulo, referência no setor, além de dispor de

um laboratório próprio. Foi a primeira cerâmica a receber a certificação do Inmetro em Goiás. Hoje, são produzidas em média 400 mil peças/mês de telhas. O mercado atendido é basicamente o interno, cerca de 80% da produção. Os outros 20% se destina a Estados como Pará e Tocantins.

Apesar da empolgação com o novo produto, Olímpio Rosa demonstra cautela para seu lançamento no mercado. “Temos de estudar, testar, planejar para depois lançar no mercado. Temos de ter algo inovador e priorizar a qualidade. As parcerias com essas instituições que estão no projeto nos dão a segurança de que estamos no caminho certo.”

Quem é quem

A Rede Goiana de Pesquisa em Tecnologia Mineral é formada por técnicos e pesquisadores. São eles: Vinícios José Araújo, assessor técnico do Senai Goiás; Sílvio Divino Carolina e José Adalberto de Macedo, da Superintendência de Geologia e Mineração da Secretaria Estadual de Indústria e Comércio; Cintia Amorim, gerente de Ações Locais da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (SecTec); e pelo geólogo Tércio Pina Barros. O trabalho de pesquisa, coordenado pela engenheira e geóloga Simone Costa Pfeiffer, da Universidade Federal de Goiás (UFG), é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fappeg), com aporte financeiro de R\$ 44 mil. As pesquisas iniciais foram desenvolvidas na Escola Senai Mario Amato, em São Paulo, instituição que é referência nacional na área de pesquisa cerâmica, e no Laboratório de Ensaios Cerâmicos, da Superintendência de Geologia e Mineração da Secretaria de Indústria e Comércio. ■



Rotas para o DESENVOLVIMENTO



Novo modelo de crescimento elaborado pela indústria propõe soluções para os gargalos que amarram o avanço do setor e de toda a economia goiana

Na safra passada, Goiás produziu quase 7 milhões de toneladas de soja, a segunda maior já colhida no Estado. Em média, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), o produtor goiano recebeu pouco mais de R\$ 40 por saca ou quase R\$ 678 por tonelada. No Paraná, o produtor apurou R\$ 739 por tonelada de soja, aproximadamente R\$ 61 a mais do que o agricultor goiano, que deixou de embolsar, portanto, alguma coisa muito próxima a R\$ 427 milhões apenas naquela safra.

A diferença se justifica, em parte, pela maior proximidade dos portos no Paraná, mas poderia ser muitas vezes menor se a infraestrutura de transporte, armazenamento e distribuição fosse mais eficiente em Goiás. Transposto para o restante da economia, esse cálculo poderia apontar perdas na casa dos 10 dígitos para o Estado, coisa de bilhões de reais, em função de deficiências estruturais.

Para enfrentar esses e outros gargalos que têm amarrado o desenvolvimento da economia estadual, o setor industrial dá formas definitivas ao Mapa Estratégico da Indústria Goiana: Goiás 2020 – Indústria Rumo ao Futuro. No último dia 21 de maio, lideranças empresariais, presidentes de sindicatos e dos conselhos temáticos da Fieg, além de diretores da instituição, autoridades e técnicos do setor público estadual, reuniram-se para validação final do projeto, que deverá ser apresentado ao público em evento no dia 16 de agosto



Metas ambiciosas

O documento pretende ser uma ferramenta de gestão e propõe amplo roteiro, envolvendo iniciativas que o setor considera fundamentais para o desenvolvimento industrial do Estado nas áreas de política industrial, recursos humanos, infraestrutura, políticas de crédito e tributária, gestão pública, tecnologia e inovação, gestão empresarial e desenvolvimento regional. Segundo o coordenador técnico da Fieg, Welington Silva Vieira, este é um projeto de toda a indústria goiana, que, colocado em prática, deverá beneficiar o conjunto da economia estadual.

O Mapa Estratégico apontará caminhos para a elaboração de diretrizes, iniciativas e programas que contribuam para transformar a indústria goiana em polo de relevância nacional, ampliando sua participação nos mercados interno e externo de forma competitiva e sustentável. E vai trabalhar com metas ambiciosas. Entre outras, detalha Vieira, contemplará a ampliação da participação goiana no Produto Interno Bruto (PIB) do País, maior fatia da indústria nas exportações, combinadas com maior expansão do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e da renda per capita no Estado, com maior qualificação da mão de obra e adensamento de cadeias produtivas.

Atualmente, a economia estadual tem demonstrado tendência à especialização como montadora de produtos finais, com baixa agregação local de valores e elevada participação de produtos primários na pauta de exportações. “Uma das propostas é provocar o adensamento das cadeias produtivas a jusante e a montante, atraindo, por exemplo, fábricas de autopeças e indústrias dedicadas à produção de princípios ativos para o setor farmacêutico, com a criação de polos de desenvolvimento tecnológico”, pontua Vieira.



Vieira: modelo vai exigir uma revolução gerencial nas empresas

Revolução gerencial

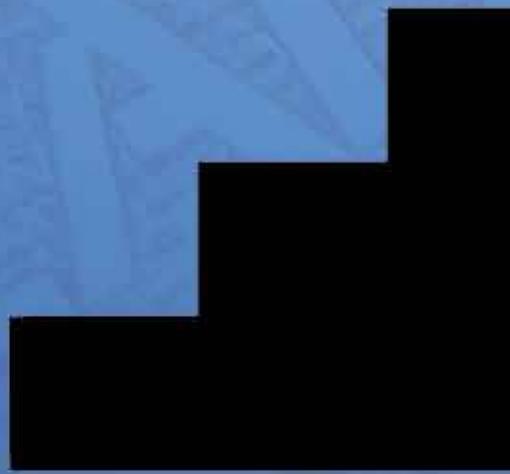
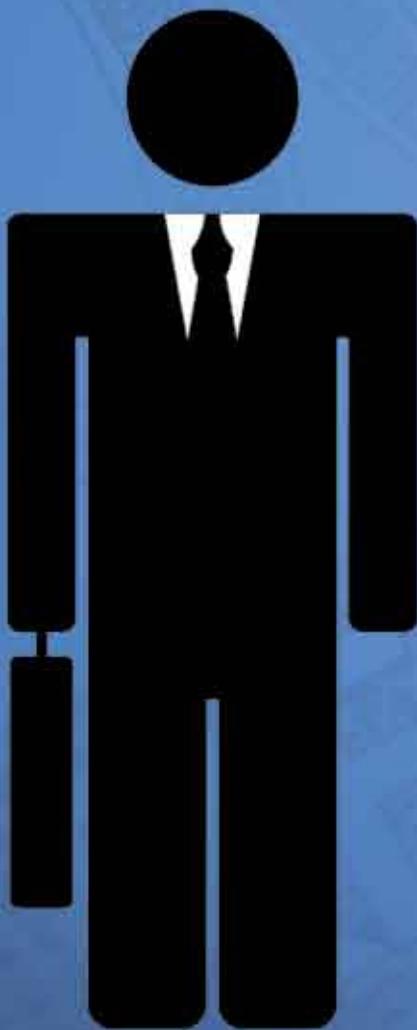
O novo modelo de desenvolvimento perseguido pela indústria, a partir do seu Mapa Estratégico, retoma o coordenador técnico da Fieg, vai pressupor uma verdadeira revolução na área de gestão empresarial, com adoção de novos métodos gerenciais, adequados ao desafio de tornar a indústria local mundialmente competitiva. Isso implicará mudanças em todos os níveis no interior das empresas.

Será preciso pensar em sistemas mais modernos de gestão de recursos humanos, assim como das áreas administrativa e financeira, gestão de tecnologia, da produção e da logística e, com ênfase, também no setor ambiental. A certificação de processos e produtos, lembra Vieira, deverá estar igualmente entre os objetivos dessa nova forma de gestão, como forma de alcançar a confiabilidade nos prazos de

entrega e na qualidade final da produção.

A própria implantação de políticas e ações definidas pelo mapa e o acompanhamento das metas vão exigir um processo específico de gestão, ancorada em uma estrutura enxuta e eficiente, capaz de dar respostas ágeis e sugerir mudanças de rumo, quando necessário. “A exemplo do que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) já adota, teremos um escritório para gerenciar objetivos e apurar os indicadores que nos permitirão verificar se estamos no caminho correto para alcançar as metas propostas”, resume Vieira. Isso será possível porque todo o sistema vai operar também com metas intermediárias, o que permitirá monitorar as ações de forma menos distante e com maior precisão. ■

As bases para UM CICLO VIRTUOSO





Economia goiana abre o ano de 2010 com taxas de expansão vigorosas em quase todas as áreas e sai na frente de outras regiões

■ *Lauro Veiga Filho*

Recém-saídas do forno, estatísticas demonstram com maior nitidez que a economia goiana deixou a fase de turbulências geradas pela débacle financeira mundial em melhor forma do que a maior parte dos demais Estados brasileiros, recuperando-se das perdas ocorridas durante a crise. Esses números “conspiram” a favor do Estado e parecem sugerir que a atividade econômica inicia, em Goiás, ciclo virtuoso de crescimento, sustentado, nesta ordem, pelo aumento vigoroso do emprego e pela maior oferta de crédito, com consequente expansão da renda e do consumo, levando, mais adiante, a novos incrementos para a produção industrial e para as vendas.

Por enquanto, os sinais de que os investimentos poderão retomar velocidade mais adequada às necessidades de crescimento ainda são tímidos, mas há um processo mais relevante de recuperação desse indicador entre micro, pequenas e médias empresas. Nesta área ainda, têm se destacado os setores de mineração, construção civil, farmoquímico e metalmecânico, além da infraestrutura – o grande gargalo ainda a ser vencido para que a economia consiga sustentar taxas de crescimento importantes por prazos mais longos.

Empregos (e renda) em alta

Ao longo de todo o ano passado, ainda sob efeito da crise, o Estado registrou a criação de 34.404 novos empregos com carteira assinada, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), depois de atingir pico de 47.347 vagas abertas em 2008. A forte expansão do mercado formal de trabalho no primeiro quadrimestre de 2010, com participação mais expressiva da indústria, fez com que a geração de novos postos – 51.828 empregos – superasse o resultado dos 12 meses de 2009, com efeitos notórios sobre a renda, ainda que as empresas pareçam ter adotado tática defensiva, concentrando as contratações em ocupações de salários reconhecidamente mais baixos.

O saldo, refletindo a diferença positiva entre contratações e desligamentos, experimentou crescimento de 59,6% em relação aos primeiros quatro meses do ano passado, quando foram criadas 32.469 vagas. Isoladamente, abril deste ano bateu todos os recordes, com mais 17.171 empregados, numa evolução de 17% em comparação com igual período de 2009. Para todo o ano de 2010, o saldo de novos empregos criados no Estado deverá beneficiar aproximadamente 59,5 mil pessoas, crescendo 73% em relação a 2009,

segundo projeção do Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea).

As perspectivas para o mercado de trabalho tornam-se mais nítidas quando se avalia, por exemplo, a evolução do número total de empregos formais. Neste sentido, os números do primeiro quadrimestre mostram que o Estado sustentou a segunda colocação quando se considera o crescimento observado para o estoque de empregados com contrato assinado, perdendo apenas para Rondônia.

De acordo com o Ministério do Traba-

lho e Emprego, o total de empregos formais cresceu 5,6% no primeiro trimestre, acumulando variação de 6,0% nos 12 meses encerrados em abril. Na média brasileira, o avanço foi de 2,92% no acumulado do ano e de 5,94% em 12 meses.

A indústria tem liderado o processo de crescimento do mercado formal em Goiás, com a criação de 22.582 vagas nos primeiros quatro meses de 2010, o que significou aumento de 60,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

A reação no mercado formal

Admissões menos desligamentos, mês a mês, em Goiás

Período	Total	Indústria de transformação
Mar/2009	7.914	2.208
Abril	14.662	9.225
Maio	5.103	1.497
Junho	7.348	1.794
Julho	4.507	579
Agosto	6.554	1.754
Setembro	5.250	982
Outubro	2.672	593
Novembro	-2.045	-2.364
Dezembro	-27.454	-13.671
Janeiro/2010	10.176	4.130
Fevereiro	10.727	4.465
Março	13.754	4.341

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)



Produtos alimentícios: setor mantém ritmo de produção mais acelerado, segundo o IBGE

Contradições no mercado de trabalho

A exigência crescente por qualificação tem se traduzido, no Estado, na contratação de maior contingente de empregados com mais anos de instrução, tanto durante o ano da crise como nos primeiros meses deste ano. A contradição, no entanto, é que os novos empregos têm se concentrado nas faixas de rendimento que oferecem salários mais baixos, envolvendo ganhos entre pouco mais de meio e um e meio salários mínimos – ou seja, entre 260 e 765 reais.

Trabalhadores com o ensino fundamental concluído e com o segundo grau completo responderam por mais de 70% do crescimento na oferta de vagas nos primeiros três meses deste ano, passando a ocupar 53,8% dos empregos abertos no período, diante de 38,1% no primeiro trimestre do ano passado. Somados, os empregados formais com segundo grau completo e com diploma universitário passaram a representar 37% do saldo de contratações no mercado formal, respondendo por 38% do aumento observado entre o primeiro trimestre de 2009 e igual período de 2010. Nos 12 meses do ano passado, 87% das contratações privilegiaram funcionários com segundo grau e aqueles com formação universitária, frente a 64,5% em 2008.

Ainda assim, dentre as 34.657 colocações abertas entre janeiro e março deste ano, nada menos do que 23.046 (66,5% do total) foram para empregados com ganho entre mais de meio e até um salário mínimo. Essa faixa de rendimento foi responsável, ainda, por 57,5% do crescimento dos empregos no trimestre, enquanto a faixa imediatamente superior (entre 1,01 e 1,5 salários mínimos) teve influência de 15,7% no crescimento do emprego formal.

O impacto dessa estratégia, que privilegia contratações com menor remuneração, sobre a massa de rendimentos tem sido contrabalançado pelo aumento real acumulado pelo salário mínimo. Entre 2008 e 2010, a preços de abril deste ano, o valor real do mínimo experimentou elevação de 10,6%, depois de descontada a variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo IBGE. O salário mínimo subiu de 415 para 510 reais, refletindo correção nominal de 22,9% no período.

Como as empresas estão contratando

(Distribuição dos novos empregos no mercado formal segundo o nível de instrução, participação no total em %)

Grau de instrução	1º trimestre/2009	1º trimestre/2010
Analfabeto	4,1	2,5
4ª série incompleta	20,7	11,6
4ª série completa	9,3	8,1
8ª série incompleta	15,9	15,3
8ª série completa	9,4	12,7
2º grau incompleto	2,3	10,8
2º grau completo	26,4	30,3
Superior incompleto	2,2	1,97
Superior completo	9,8	6,8

Fonte: Caged

Produção industrial em aceleração

Na verdade, o Estado já havia revelado maior capacidade para resistir aos estragos produzidos em todo o mundo pela crise, cujos efeitos se fizeram sentir com maior intensidade, no Brasil, entre os meses finais de 2008 e o início de 2009. Em 2009, enquanto a produção industrial em todo o País afundou em queda de 7,4%, a indústria goiana manteve-se praticamente estável, com ligeira variação de 0,2% frente ao ano anterior.

Esse comportamento repete-se agora, quando os efeitos da crise parecem ter ficado para trás. Num recorde em toda a séria histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), iniciada em 2002, a produção industrial experimentou avanço de 31,7% em fevereiro, na comparação com janeiro, já descontados fatos e ocorrências típicas do período, que podem influenciar sazonalmente o comportamento do setor

e mascarar a tendência efetivamente em cena naquele momento.

Em março, a produção recuou 6,8% na comparação com o mês anterior, refletindo acomodação depois do salto observado em fevereiro. Ainda assim, manteve taxa de crescimento de dois dígitos na comparação com março do ano passado, saltando 23,7%, no quinto resultado positivo anotado em sequência nesse tipo de comparação. Como dado relevante, o nível da produção industrial em Goiás já supera os resultados de setembro de 2008, antes da explosão da crise, em praticamente 19%, de acordo com o IBGE, índice que se compara a uma leve retração (menos 0,1%) ainda persistente para a média do setor em todo o País.

No acumulado do primeiro trimestre, a indústria cresceu 26,7% em relação ao mesmo período de 2009, numa ace-



Indústria farmacêutica: setor de produtos químicos lidera crescimento da produção

lação vigorosa frente à taxa de 4,4% observada no último trimestre do ano passado. Os setores de produtos químicos e de alimentos e bebidas lideraram esse processo, crescendo nada menos do que 173,8% no primeiro caso e 11,4% no segundo. A produção, no primeiro setor, foi puxada pelo incremento no setor de adubos e fertilizantes, mas principalmente pelo avanço na produção de medicamentos.

Obviamente, a baixa base de comparação ajuda a explicar parcialmente o forte incremento observado agora, já que a produção havia recuado 7% no primeiro trimestre de 2009, frente a idêntico período de 2008. O fato é que a indústria, como visto, já superou as perdas realizadas durante a crise e continua crescendo em ritmo renovado, fechando o período de 12 meses encerrados em março com variação de 7,7% – a taxa mais elevada entre todos os 13 Estados pesquisados.

O poder do crediário

Entre dezembro de 2004 e janeiro deste ano, segundo dados do Banco Central, as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte ganharam espaço relativo no total de crédito liberado no País, enquanto o Sul-Sudeste perdeu participação, ainda que a fatia das duas regiões continue expressando a relevância econômica de ambas. O ganho mais expressivo ocorreu no Nordeste, que passou de 9,5% para 11,6% do total do crédito.

A fatia destinada ao Centro-Oeste avançou de 9,23% para 9,32%, refletindo salto de 298,4% no crédito para pessoa física, com maior participação das operações de crédito consignadas, e aumento de 219% para pessoas jurídicas. No Norte, a participação variou de 3,21% para 3,58%. Somadas, as regiões Sul e Sudeste, que representavam 78,06% do total, tiveram sua parcela reduzida para 75,51%.

Efeitos em cadeia

O crescimento do mercado de trabalho e o avanço do crédito, com lojas e financeiras independentes voltando a trabalhar com prazos de pagamento cada vez mais largos, tiveram impacto direto sobre o comércio varejista, que assistiu, no primeiro trimestre, a um crescimento de 16% no volume de vendas no Estado, diante de variação média de 12,8% no restante do País. Nos últimos 12 meses, o índice de vendas registrado em março no Estado só não foi maior do que em dezembro passado.

Esse comportamento, se mantido ao longo do tempo, tenderá a alavancar a produção industrial no Estado, largamente concentrada em bens de consumo imediato (alimentos e remédios). Esse perfil da indústria goiana explica, em parte, por que o setor foi menos atingido pela crise, embora também tenha reduzido a produção em sua fase mais crítica, assim como por que tem conseguido sair-se bem melhor do que o desempenho médio da indústria brasileira como um todo.

Mas quais as chances desse crescimento manter-se ao longo dos próximos meses? Como visto, os dados do mercado de trabalho sinalizam forte recuperação, com possibilidade de quebra de novos recordes nos meses seguintes. Como as contratações têm ocorrido de forma mais relevante no lado formal da economia, que tende a pagar salários proporcionalmente mais elevados, a perspectiva é de crescimento importante da renda disponível para consumo, sustentando



Oliveira: cenário promissor para 2010 autoriza previsão de crescimento de 8%

em níveis elevados a atividade econômica.

No caso da indústria, avalia o economista Cláudio Henrique de Oliveira, da Fieg, o cenário para 2010 continua promissor, sem sinais de estrangulamento pela frente, ao menos no curto prazo. Na média geral, o setor tem operado entre 77% e 79% de sua capacidade, o que indica folga para crescer. A receita industrial, que acumulou variação de 5,15% no primeiro trimestre deste ano, tende a encerrar o exercício com variação em torno de 8% na comparação com 2009, “mantido o cenário atual”, observa Oliveira.

Em abril, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), pesquisado pela Fieg, mostrou recuperação frente a março, passando de 68,3 para 69,1 pontos, numa escala onde indicadores acima de 50 pontos refletem confiança crescente do empresariado. O Icei havia registrado a marca de 65,2 pontos em abril do ano passado.

Desempenho da indústria goiana

(Variação em %)				
Variáveis	Mar 2010/Fev 2010	Mar 2010/Dez 2009	Mar 2010/Mar 2009	Jan-mar 2010/Jan-mar 2009
Vendas	26,30	8,95	12,23	5,15
Salário	1,94	-12,42	7,80	5,97
Emprego	1,48	2,70	4,22	2,16
Horas	7,57	16,60	24,02	24,88
UCI	-2,39	-0,09	-0,32	1,96

Fonte: Fieg

Cenários para o consumo

O potencial de consumo apurado em Goiás pela IPC Target deverá experimentar crescimento de 9,6% entre 2009 e 2010, quando descontadas despesas obrigatórias com impostos, taxas, contribuições, energia e outras. O Índice de Potencial de Consumo (IPC), neste caso, subirá de R\$ 44,647 bilhões para R\$ 48,915 bilhões, representando injeção extra na economia de R\$ 4,268 bilhões, ou quase 6,5% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual estimado para 2008 – projeção mais recente disponível.

No meio rural, segundo a pesquisa, o consumo apresenta taxa de crescimento maior do que nas cidades, na comparação entre 2009 e 2010. O IPC para o campo, em Goiás, aponta avanço nominal de 44,3%, passando de R\$ 2,124 bilhões para R\$ 3,066 bilhões, diante de uma variação de 8% para o

consumo urbano, que sai de R\$ 56,982 bilhões para R\$ 61,565 bilhões. O desempenho da região rural é atribuído pelo diretor da empresa, Marcos Pazzini, ao vigor demonstrado pelo agronegócio em Goiás.

Pazzini destaca o papel desempenhado pela nova classe média goiana, fortemente concentrada entre os estratos inferiores da classe B e superior da classe C. Somadas, elas representam 45,5% dos domicílios e 48,1% do consumo, diante de 44,3% em 2009. Neste ano, as duas categorias deverão consumir, juntas, perto de R\$ 29,648 bilhões, num avanço de 17,2% em relação a 2009, quando o IPC conjunto havia somado R\$ 25,291 bilhões. Sozinhas, são elas que vão sustentar o incremento do consumo no Estado. “Essa classe média tem sido o motor do crescimento nos últimos cinco ou seis anos”, acrescenta ele.



Pazzini: nova classe média impulsiona o consumo em Goiás

Soluções de vídeo monitoramento CMA

Sua empresa ao alcance dos seus olhos.



A CMA oferece a mais avançada tecnologia em vídeo monitoramento para a sua empresa. Câmeras de segurança transmitindo via wireless, fibra óptica ou cabo, permitem monitoração através de uma central, com alta definição de imagens e gravação em tempo real.

Tel: (11) 3053-2614
www.cmatelecom.com.br
telecom@cma.com.br

CMA Telecom

Investimentos ensaiam retomada

Os primeiros dados divulgados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o Estado demonstram, primeiro, um aumento vigoroso do número de operações concretizadas no primeiro trimestre e, segundo, uma redução importante nos valores desembolsados. Enquanto o banco formalizou 1.693 operações entre janeiro e março do ano passado, esse número saltou para 4.454 nos mesmos três meses deste ano, num salto de 163%.

Mas esses contratos representaram o desembolso de R\$ 794,275 milhões, num tombo de 31% em relação ao total de R\$ 1,159 bilhão desembolsados no primeiro trimestre de 2009. A queda concentrou-se precisamente no setor industrial, que recebeu R\$ 159,652 milhões até março, frente a R\$ 852,042 milhões no mesmo período do ano passado (81% a menos). Essa retração ocorreu integralmente nas linhas de maior valor do banco, que envolvem desembolsos acima de R\$ 10 mi-

lhões, e ficou concentrada entre as grandes empresas, que tomaram 63% menos recursos do que no primeiro quarto de 2009.

O ânimo para investir surge muito mais revigorado entre micro, pequenas e médias empresas, segmentos que registraram aumento de 154% no valor dos desembolsos do BNDES. No total, as empresas de menor porte receberam R\$ 428,394 milhões, diante de R\$ 168,574 milhões entre janeiro e março de 2009.

A mais recente pesquisa de intenção de investimentos, realizada em abril deste ano pela Superintendência de Estatística Pesquisa e Informação (Sepin), da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Goiás (Seplan-GO), identificou 704 projetos, com previsão de R\$ 31,850 bilhões de

Desembolsos do BNDES para Goiás (valores em R\$ mil)

Porte da empresa Jan-mar 2009

Jan-mar 2010	Variação (%)
Micro	81.316
245.680	+202
Pequena	41.465
79.507	+92
Média	45.792
103.207	+125
MPME	168.574
428.394	+154
Grande	990.139
365.881	-63
Total	1.158.712
794.275	-31

Fonte: BNDES

desembolsos pelos setores privado e público entre 2010 e 2013, projetando-se a criação de 110,6 mil empregos. Distribuído entre os setores industrial e de serviços, incluindo os segmentos de logística, transporte e geração de energia, entre outros, esse valor representa variação de 4,7% em relação à pesquisa realizada em março do ano passado, quando foram indicados investimentos

Setor mineral: intenção de investimento cresce 21%, segundo pesquisa do governo





Construção civil: boom de lançamentos faz emprego avançar a taxas superiores a 7% neste ano

de R\$ 30,419 bilhões entre 2009 e 2012.

O desempenho aparentemente modesto reflete retração de 10,4% nos investimentos previstos para o setor de etanol e açúcar, que recuam de R\$ 19,035 bilhões (62,58% do total) para R\$ 17,051 bilhões (53,54%), num total de 74 projetos (eram 88 em março do ano passado). Deve-se levar em conta que esse setor, especificamente, vem de um período de investimentos intensivos e o recuo verificado agora representaria uma acomodação natural, refletindo, além disso, as perspectivas menos promissoras observadas para o setor ao longo de três safras consecutivas.

De uma forma ou de outra, quando excluído o setor de etanol e açúcar, o restante da economia goiana deverá receber injeção de capital novo de R\$ 14,799 bilhões, o que representaria incremento de 30% em relação aos R\$ 11,384 bilhões apurados no levantamento realizado em março do ano passado. Os destaques ficam por conta da indústria metalmeccânica, movimentada pelos investimentos anunciados pela Mitsubishi e pelo grupo Ccoa, e para o setor de extração e beneficiamento de minérios.

No primeiro caso, prevê-se investimentos totais de R\$ 2,186 bilhões até 2013, o

De vento em popa

(Índice do volume de vendas no comércio varejista em Goiás*)

Período	Indicador
Mar/2009	148,8
Abril	146,8
Maio	158,4
Junho	150,0
Julho	160,7
Agosto	160,0
Setembro	154,1
Outubro	166,2
Novembro	160,2
Dezembro	218,7
Janeiro/2010	169,5
Fevereiro	150,3
Março	171,3

(*) Base: média de 2003=100

Fonte: IBGE

A tendência da produção industrial em Goiás

(Índice de base fixa mensal, base: média de 2002=100)

Período	Número-índice
Mar/2009	123,81
Abril	127,79
Maio	127,47
Junho	137,92
Julho	146,96
Agosto	137,00
Setembro	140,28
Outubro	126,34
Novembro	142,01
Dezembro	141,01
Janeiro/2010	147,50
Fevereiro	164,45
Março	162,34

Fonte: IBGE

que significaria mais de três vezes e meia o valor projetado em março de 2009 (R\$ 610,199 milhões). Um dos projetos será tocado pela Mitsubishi Motors Company do Brasil (MMCB). Com faturamento anual na casa dos R\$ 4 bilhões, a empresa controlada pelo grupo Souza Ramos prepara-se para dobrar a capacidade de produção de sua fábrica em Catalão, inaugurada em

1998. A expectativa é de investir perto de R\$ 800 milhões nos próximos cinco anos. O grupo, que atualmente monta cerca de 48 mil unidades por ano em um turno de trabalho, pretende incorporar pelo menos duas novas plataformas, passando a produzir no País o utilitário esportivo Pajero Dakkar e o veículo de passeio Lancer. A expansão da unidade deverá gerar oportu-

nidade de emprego para mais mil trabalhadores, aproximando o total de empregados na indústria para quase 4 mil, dos quais 80% da própria região de Catalão. Para acomodar as novas linhas, a capacidade instalada saltará para 100 mil veículos por ano, com a incorporação de mais 32 mil metros quadrados de área construída, incluindo uma nova linha de pintura.

O setor mineral deverá receber pouco menos de R\$ 5,010 bilhões em investimentos, num crescimento de 21,4% em relação à pesquisa anterior. De acordo com avaliação da equipe técnica da Seplan-GO, “o crescimento da demanda mundial por commodities minerais, após sinais do fim da crise financeira mundial, fez com que empresas do setor de mineração e bene-

ficiamento retomassem os investimentos previstos”. Dois entre os 18 projetos previstos para o setor, ambos sob comando do grupo Votorantim, consumirão investimentos de mais R\$ 2 bilhões, destinados à implantação de um novo projeto de classe mundial para exploração de níquel em Montes Claros de Goiás e para a verticalização da planta da Votorantim Metais em Niquelândia, também dedicada ao processamento de níquel.

A mesma pesquisa aponta a possibilidade de investimentos de R\$ 1,748 bilhão em logística e transporte, destacando cerca de R\$ 1,4 bilhão que a Valec – Engenharia, Construções e Ferrovias S.A. intenciona investir no período na construção da Ferrovia Norte-Sul (FNS) em Goiás. ■

Margem para crescer

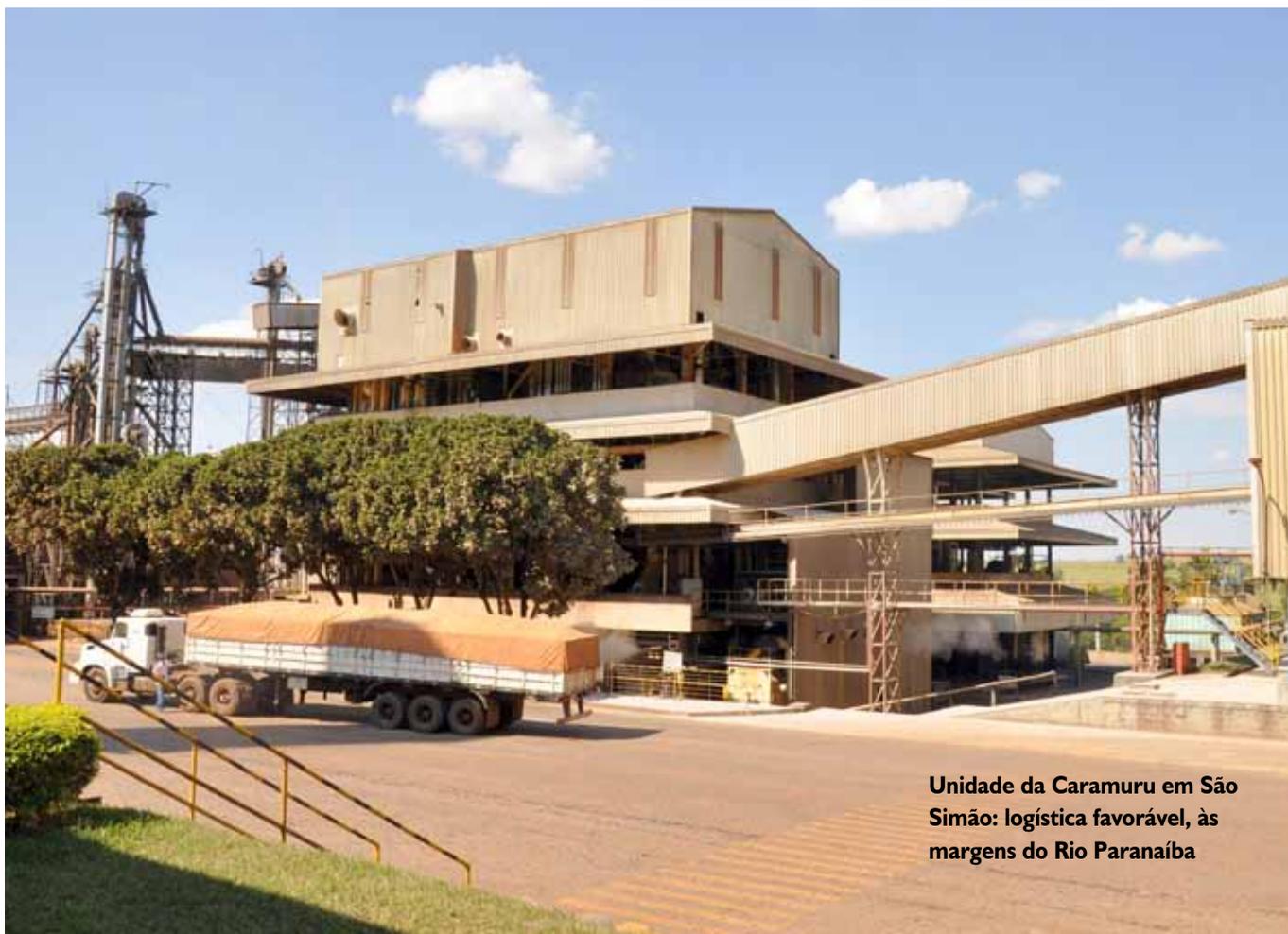
(Nível de utilização da capacidade instalada na indústria de Goiás, em %)

Período	UCI
Março/2009	77,4
Abril	76,9
Maio	81,2
Junho	81,3
Julho	77,2
Agosto	77,7
Setembro	80,7
Outubro	83,2
Novembro	81,5
Dezembro	77,2
Janeiro/2010	80,3
Fevereiro	79,5
Março	77,1

Fonte: Fieg



Etanol: levantamento aponta menor ritmo de investimentos no setor em Goiás



Unidade da Caramuru em São Simão: logística favorável, às margens do Rio Paranaíba

PARCERIAS de qualidade

Caramuru Alimentos e Maeda Agroindustrial, em associação com Sesi e Senai, destacam-se ao oferecer bem-estar e qualificação a seus empregados

■ *Débora Orsida, de Itumbiara*

Um dos mais competitivos municípios de Goiás – é sexto colocado no ranking da Secretaria Estadual de Planejamento e terceiro em exportações –, Itumbiara, na Região Sul, ocupa também o terceiro lugar em qualidade de vida. O desempenho é fruto do avanço

do segmento industrial, que conta hoje com mais de 165 indústrias instaladas na cidade. Parceiras nesse desenvolvimento, Sesi e Senai, instituições do Sistema Fieg, realizam uma série de programas visando ao crescimento profissional, à qualificação de mão de obra local e melhor qualidade de vida.

É o caso do trabalho desenvolvido pelo

Sesi na Maeda Agroindustrial. Instalada desde 1973 em Goiás, a empresa atua no cultivo e processamento de soja, milho e algodão. Possui oito unidades em Itumbiara, entre fazendas, armazéns e indústrias de beneficiamento, e emprega mais de 1,2 mil pessoas na cidade e região. O grupo tem instalações ainda em São Paulo, Mato Grosso e na Bahia.

Investindo no social

Há dez anos a empresa promove, com apoio do Sesi, diversas ações destinadas a levar bem-estar e melhoria profissional para seus colaboradores. A supervisora de Recursos Humanos da Maeda, Márcia Lygia Marques Ferreira, conta que o serviço mais utilizado pelos trabalhadores é o atendimento odontológico. “Desde 2001 nossos funcionários e seus dependentes têm a oportunidade de fazer o tratamento dentário no Sesi, totalmente gratuito. Hoje, não temos casos de problemas bucais na empresa.”

Além de oferecer os serviços de odontologia, a indústria já alfabetizou toda sua equipe por meio do Programa de Educação do Trabalhador, e realizou curso de educação alimentar, dentro do programa Cozinha Brasil. Campanhas de vacinação, ginástica laboral, incentivo à prática esportiva, com doação de uniformes e bolas, são outras ações realizadas com a parceria do Sesi, segundo Márcia.

“Nossa preocupação é com o bem-estar do colaborador, não apenas dentro da empresa, mas também com a família, em seu dia a dia. Pensando nisso, realizamos cursos como Administre Melhor o seu Dinheiro e o Programa de Prepara-

ção para a Aposentadoria (PPA), ambos do Sesi e que visam à mudança no comportamento e nova perspectiva de vida”, completa a supervisora.

Bom exemplo é Maria das Graças Lourenço Silva, de 56 anos, 13 dos quais dedicados ao trabalho na Maeda, participante da primeira turma do PPA. “Eu tenho tendência a depressão e estava preocupada pensando em como seria quando eu me aposentasse, iria ficar em casa e morrer de tristeza. Participar desse curso mudou minha vida. Hoje eu quero é ter saúde para trabalhar mais,” explica a auxiliar de serviços gerais.

Para José Pinto Figueiredo, de 50 anos, não foi diferente. Ele está na empresa há 19 anos, é encarregado de manutenção elétrica e viu no curso uma oportunidade de conhecer mais sobre o assunto e se preparar para o momento da aposentadoria. “Eu tinha horror à palavra aposentar, parecia o fim, que tudo iria acabar. Depois do curso, que o Sesi trouxe aqui para a empresa, é diferente. Agora eu sei que a vida não acaba, na verdade é um novo começo.”

Figueiredo diz que compartilha com os outros colegas e até com os familiares o que aprendeu no PPA. “A Maeda foi a primeira empresa a



Márcia Lygia Ferreira, supervisora de RH da Maeda: “Sesi e Senai são amigos de nossa empresa”

realizar o programa em Goiás. Isso mostra que ela se preocupa com seus colaboradores. Esse curso veio ao encontro das nossas necessidades e anseios, abriu novos horizontes, nos fez ver que a aposentadoria é uma conquista.”

Aprendizado constante

Diretora de Recursos Humanos da Carumuru Alimentos (leia mais na matéria à página), Margareti Scarpelini também destaca a parceria com o Sesi na meta de erradicar o analfabetismo na empresa. “Há mais de cinco anos realizamos o telecurso, dentro do Programa de Educação do Trabalhador, e hoje, todos nossos colaboradores estão alfabetizados. Oferecemos agora as aulas dos ensinamentos fundamental e médio.”

O operador de processos Paulo Sérgio dos Santos, de 25 anos, conta que voltar para a sala de aula tem um objetivo: construir um futuro melhor. “Minha mãe sempre falava para eu estudar, mas eu não



Reinaldo Romão da Silva, carregador de caminhão: “Minha meta é ser contador de estoque”

quis, e hoje sei que ela tinha razão, sem o estudo a gente não chega a lugar algum.” Santos se esforça para crescer na empresa e melhorar de cargo. Aos 51 anos, Reinaldo Romão da Silva, carregador de caminhão, conta que sentiu a falta que o estudo faz

quando foi tirar a carteira de habilitação. “Foi por isso que procurei a escola. Quero aprender mais, aproveitar que a empresa nos incentiva e conquistar um espaço melhor profissionalmente. Minha meta é ser contador de estoque.”



“Se eu ficasse em casa iria morrer de tristeza. Esse curso mudou a minha vida”

MARIA DAS GRAÇAS, AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS DA MAEDA



“Hoje eu sei que a aposentadoria é uma conquista”

JOSÉ FIGUEIREDO, ENCARREGADO DE MANUTENÇÃO DA MAEDA

Sesi, uma década de atuação

O gerente do Sesi Itumbiara, Abílio Netto, ressalta que a parceria com grandes indústrias, como a Maeda e Caramuru, contribuiu decisivamente na construção da história dos dez anos de atuação da instituição na cidade e em outros 17 municípios da Região Sul. Visando ao fortalecimento desse trabalho foram realizados, no ano passado, investimentos para a melhoria das instalações físicas. “Concluimos a construção da quadra poliesportiva, da área da churrasqueira, piscinas, dentre outras. Tudo isso para oferecer o melhor para o trabalhador da indústria e seus dependentes”, explica Abílio.

“Este ano trouxemos para nossos clientes novos produtos, como o curso de Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), Campanha de Saúde e Segurança no Trabalho, curso de planejamento familiar e Programa de Incremento na Renda Familiar. “São ações que visam uma melhor qualidade de vida, incremento na renda da família, além de ampliar conhecimentos e melhorar a atuação do colaborador na empresa,” completa. ■

Itumbiara também conta com o IEL

Também integrante do Sistema Fieg, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) está presente em Itumbiara, onde conta com uma unidade de atendimento a empresas, instituições de ensino e estudantes.

Serviços oferecidos

- Programa de Estágio
- Programa de Qualificação de

Fornecedores

- Projeto Superação
- Projeto Juventude em Ação

Contato

Rua Dona Clarinda, 18 - Centro
Fone: (64) 3404-8083



Mecânica industrial: treinamento e capacitação aumentam as chances de emprego

QUALIFICAÇÃO valoriza mão de obra

A Caramuru Alimentos investe na preparação de seus funcionários, em parceria com o Senai, para aumentar a produtividade

■ *Andelaide Pereira, de São Simão e Itumbiara*

Com pouco mais de 17 mil habitantes, a pequena cidade de São Simão, no Sudoeste Goiano, experimenta grande desenvolvimento socioeconômico, sustentado por importante infraestrutura logística, formada, principalmente, pelo sistema hidroviário Paranaíba-Tietê-Paraná, porta de entrada e saída de mercadorias do Centro-Oeste para as regiões Sul e Sudeste, além de países do Mercosul e da Europa.

Com dois indicadores bem avaliados – logística e qualidade de vida –, a cidade

alcançou a 9ª colocação entre os 15 municípios goianos mais competitivos logo em sua estreia no ranking elaborado pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Goiás (Seplan).

O bom desempenho é atribuído também à presença de grandes indústrias na região, como a Caramuru Alimentos. Implantada em São Simão desde 1995 e localizada às margens do Rio Paranaíba, a planta de processamento de soja da empresa tem capacidade para esmagamento de 1,8 mil toneladas por dia, com produção de 500 toneladas mensais de lecitina de soja e ge-

ração de 3,0 mil quilowatts/hora de energia elétrica. Toda a produção de farelo e lecitina de soja é escoada para diversos países europeus, por meio da hidrovia Paranaíba-Tietê-Paraná.

Em 2007, o Grupo Caramuru ampliou suas atividades no município com a instalação de uma unidade de produção de biodiesel. A fábrica tem capacidade para processar, a partir de óleos vegetais, 187 milhões de litros/ano do biocombustível, que são vendidos para a Petrobras via leilões trimestrais realizados pela Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Migração de profissionais

Em meio ao forte crescimento econômico, impulsionado pela chegada de novos investimentos, a carência de mão de obra qualificada no município teve como consequência a disputa por profissionais entre as empresas. “Com a implantação de usinas sucroalcooleiras na região, começamos a perder trabalhadores para essas indústrias e aumentar nossa rotatividade. Foi então que resolvemos ampliar a parceria mantida com o Senai de Itumbiara para qualificar e aperfeiçoar nosso quadro de funcionários”, explica o gerente industrial da Caramuru São Simão, Rogério Balieiro.

Vencedora do prêmio Pop List 2010 (veja box), a Escola Senai Itumbiara já realiza diversas ações de educação profissional para a Caramuru Alimentos – uma das parceiras na construção da escola no município, em 1992. Há cerca de três meses, a unidade ministra em São Simão os cursos de manutenção industrial, manutenção autônoma, operador de processos, eletricitista industrial e de soldador, destinados à formação profissional de 70 colaboradores da Caramuru. As aulas são realizadas em uma escola municipal, com turmas pela manhã, tarde e noite. A programação foi estruturada para atender à necessidade imediata da empresa.

“Mas vamos dar continuidade as atividades com a implantação, em breve, do curso de



Balieiro, da Caramuru São Simão: com aumento da disputa por mão de obra, empresa ampliou parceria com Senai de Itumbiara

automação industrial. Futuramente, a qualificação servirá como plano de carreira para o colaborador que quiser crescer na fábrica. O objetivo é formar mão de obra não só para a Caramuru, mas para a região, uma vez que também abrimos vagas para funcionários de outras indústrias”, informa Balieiro. Para ele, o investimento realizado em educação

profissional valoriza a mão de obra local, com reflexos na produtividade da indústria. “Apesar do pouco tempo de treinamento, já começamos a ver os bons resultados. As pessoas interagem e se envolvem mais com o processo produtivo, se antecipam aos problemas, contribuindo com a competitividade da empresa”, destaca.

CONHECIMENTO ALIADO À PRÁTICA

Aluno do curso de manutenção mecânica, Cláudio Moreira Duarte trabalha na Caramuru há nove anos e diz ter aprendido muito com a qualificação. “Agora conheço melhor os equipamentos, reconheço símbolos e o serviço de manutenção rende mais. Com isso, minimizamos paradas e alcançamos as metas estabelecidas”, avalia. Paulo Sérgio Alves está há quatro anos na área de produção e inspeção de produtos da indústria. Para ele, o curso ajudou a desempenhar melhor suas funções. “Aprender nunca é demais, es-

tou aproveitando bastante a oportunidade e pretendo fazer também o curso técnico em mecânica industrial”, planeja.

Há quase quatro anos na área de manutenção mecânica da Caramuru, Claudinei Cândido de Oliveira ressalta que a qualificação é voltada para a realidade de seu dia a dia na indústria. “Aplicamos na prática o que aprendemos durante as aulas, isso facilita nosso trabalho. Além disso, passei a conhecer melhor os novos equipamentos automatizados, aprendi a lidar com eles.”

Participante do curso de operador de processos, Joaquim Nogueira conta que a qualificação o ajudou a identificar os problemas que surgem nas máquinas. “Aprendi a ser mais preciso na localização do defeito no equipamento.” Colega de turma, Wembert Aparecido reforça que a rápida identificação do problema contribuiu com o aumento da produtividade. “Com o que aprendemos no curso, até por um barulho diferente que o equipamento faz dá para saber onde está o defeito, evitamos quebras e longas paradas”, diz.

Caminho para o emprego

Com uma planta industrial voltada para o processamento de soja, milho, girassol, canola e para o refino de óleos vegetais, a unidade da Camuru Alimentos em Itumbiara mantém parceria com o Senai Goiás desde sua instalação no município, em 1992, com a realização de diversas atividades de educação profissional para funcionários e comunidade.

Uma dessas ações é a formação de menores aprendizes, mantidos pela indústria como alunos cotistas. Gustavo Pierazzo, de 16 anos, integra a turma de seis adolescentes contratados pela Caramuru. Aluno da Escola Senai de Itumbiara no curso de assistente administrativo, ele diz que a aprendizagem representa uma oportunidade para conquistar o primeiro emprego. “Sou estagiário na Caramuru pela manhã, à tarde estudo no Senai e, à noite, frequento as aulas do ensino médio. É cansativo, mas a minha expectativa de ser efetivado na indústria compensa a rotina puxada.”

Gustavo pretende seguir o mesmo caminho trilhado por Muriellen Costa, de 17 anos. Ex-aluna do curso de assistente administrativo, ela foi contratada para atuar no Serviço de Atendimento ao Consumidor da Caramuru logo após a conclusão do seu estágio. “Trabalha-

va como babá, então a aprendizagem para mim foi a porta de entrada para o emprego industrial”, comemora.

Diretora de Recursos Humanos da Caramuru Alimentos, Margareti Scarpelini destaca que a manutenção de menores aprendizes na empresa não visa apenas atender à legislação, mas sim à formação de profissionais para o mercado de trabalho. “Além disso, oferecemos a esses jovens a oportunidade de iniciar uma carreira de sucesso na indústria.”



Gustavo Pierazzo: estágio pela manhã e aulas à tarde e à noite, no Senai e no ensino médio



Muriellen Costa, ex-babá: “Aprendizagem foi porta de entrada para emprego industrial”



“Oferecemos a esses jovens a oportunidade de iniciar uma carreira de sucesso na indústria”

MARGARETI SCARPELINI, DIRETORA
DE RECURSOS HUMANOS DA
CARAMURU ALIMENTOS

Senai, líder em qualificação em Itumbiara

Instalado em 1992, para atender à crescente demanda por mão de obra qualificada das indústrias da Região Sul do Estado, o Senai Itumbiara conquistou o Pop List 2010 no segmento Escola Profissionalizante, pesquisa de mercado que mede o grau de fixação na mente do consumidor das marcas de produtos e empresas, realizada na cidade, em fevereiro, pelo Instituto Verus para o jornal O Popular. Esta é a 18ª edição do Pop List e a primeira em Itumbiara. O share of mind do Senai Itumbiara foi de 54,8%.

O troféu Pop List foi entregue ao diretor da Escola Senai de Itumbiara, Aroldo dos Reis Nogueira, pelo presidente da Organização Jaime Câmara,



Jaime Câmara Júnior, durante cerimônia de premiação realizada no dia 29 de abril, no Espaço Évora. Aroldo Nogueira destacou que o prêmio representa um importante reconhecimento da so-

cidade. “O troféu Pop List é fruto do trabalho desenvolvido por toda equipe da unidade, com foco nas reais necessidades das indústrias e da comunidade de Itumbiara e região”, disse.

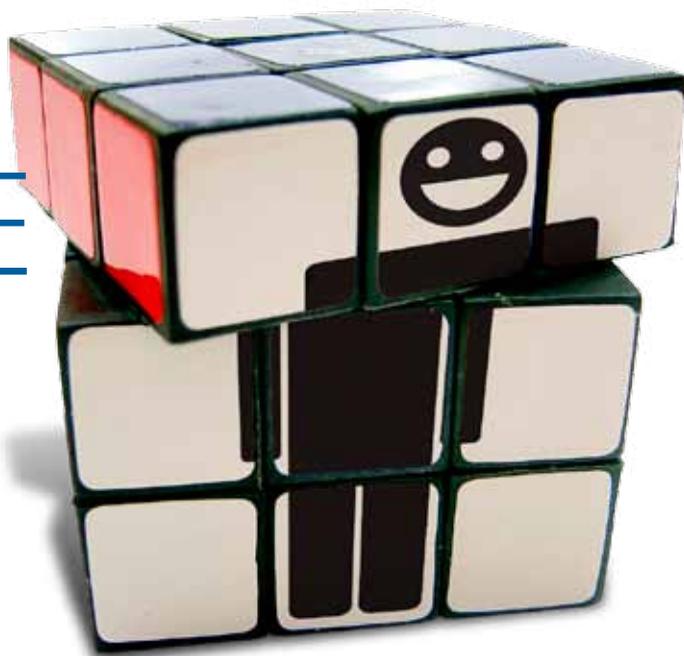
Implantada em parceria entre a Associação Comercial e Industrial, prefeitura municipal, Pioneer Sementes, Maeda Agroindustrial e Caramuru Alimentos, a Escola Senai Itumbiara desenvolve ações para indústrias e comunidade, em suas instalações ou dentro das próprias empresas, seja por meio de educação profissional ou de prestação de serviços de assistência técnica e tecnológica, produção e disseminação de tecnologias. ■

Pop List: Jaime Câmara Júnior, presidente da Organização Jaime Câmara, entrega prêmio a Aroldo Nogueira, diretor da Escola Senai de Itumbiara



Mais próximo DO CLIENTE

CNI e as 27 federações da indústria do País colocam no ar, em julho, novo portal de negócios, aproximando vendedores e compradores



Desenvolvido em parceria pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelas federações estaduais do setor, o Clube Indústria de Benefícios deverá cumprir o duplo papel: colocar empresas e fornecedores frente a frente, facilitando a negociação entre as duas pontas, e ainda reforçar o papel dos sindicatos no meio empresarial, contribuindo para atrair novos associados. Essa é a expectativa do presidente do Conselho Temático de Relações do Trabalho da Fieg, Orizomar Araújo Siqueira. “O clube representa evolução importante para a indústria goiana como um todo e, em particular, para as empresas filiadas aos sindicatos do setor”, avalia.

Segundo ele, os benefícios agregados pelo novo sistema demonstram potencial para reforçar a base sindical, principalmente ao permitir maior inserção dessas empresas no mercado nacional. “Afinal, quem não é visto, não é lembrado”, diz o presidente do conselho. Entre os segmen-

tos citados por Siqueira, a agroindústria, base da economia estadual, poderá ser favorecida com a atração de novos clientes.

No dia 12 de maio, a Fieg promoveu, na Casa da Indústria, reunião com anunciantes em potencial do Clube Indústria de Benefícios, portal de negócios e de relacionamento na internet, que prevê acesso gratuito a todas as empresas filiadas aos sindicatos do setor industrial. O espaço oferece condições especiais de prazos e de pagamento nas negociações de produtos e serviços a 450 mil indústrias em todo o País.

Entre outros recursos, o portal pode ser utilizado como ferramenta para gerenciamento de campanhas promocionais e para aferição de resultados em tempo real, com linguagem moderna e plataformas de interatividade avançadas. Esse acompanhamento vai se tornar possível graças ao desenvolvimento de uma avançada arquitetura de comunicação, promoção e marketing

implementados pelo portal, de acordo com Marta Bartolomeu, da Parceria Ilimitada, empresa carioca que presta consultoria comercial ao Clube Indústria de Benefícios.

Entre outras vantagens, ressalta Marta, o portal permite o desenvolvimento de canais de vendas permanentes, envolvendo milhares de indústrias; associação da marca no sistema de representação da indústria e informações atualizadas das indústrias que desejam fazer negócio.

O desenvolvimento do plano de comunicação, a consolidação e migração das bases de dados do sistema e implantação do site, detalha Mariana Carrara, analista da CNI, exigiram mais de R\$ 1 milhão em investimentos. Toda a receita a ser arrecadada, por meio de patrocinadores e anunciantes, que terão privilégios para divulgação de banners, folhetos e cartões de visita dentro do portal, será reinvestida no sistema, tornando-o autossustentável, arremata Mariana. ■

SERVIÇO

Confira mais informações no hotsite do portal, no endereço www.clubeindustriaparticipe.com.br/



“O mercado imobiliário vive momento de euforia, mas nem por isso se deve desdenhar dos desafios”

Ilézio Inácio Ferreira

Engenheiro, empresário da construção civil e presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Goiás (Ademi-GO)

Afirmção e desafio na construção

O Brasil vive fase absolutamente nova no setor da construção civil. Ao arrojado das empresas, soma-se hoje a fartura de crédito, e há o essencial, que é a vontade das famílias de comprar a casa própria ou mesmo de mudar para uma moradia melhor. E há, por último, o Programa Minha Casa, Minha Vida, a ferramenta mais importante desde o extinto Banco Nacional da Habitação (BNH) para que o País possa mitigar seu preocupante déficit habitacional, hoje situado na faixa das 8 milhões de moradias.

A construção desse novo cenário tem raízes no labor das construtoras e incorporadoras brasileiras. Com o Brasil carente de uma política habitacional, foi o denodo dessas empresas que manteve acesa a chama da casa própria. Por muitos anos, foram essas empresas não apenas as construtoras, mas também as financiadoras do imóvel. Não havia no País uma política de habitação desde o final dos anos 80, quando o governo federal decidiu-se pelo fim do BNH.

De repente, eis a mudança. Os bancos entendem o fenômeno social de uma sociedade em transformação e instalam – ou expandem – suas carteiras de crédito imobiliário. Puxada pelos bancos oficiais, a rede privada ingressou com determinação no novo segmento. O País mudou muito desde a estabilização na economia, com o advento e o sucesso do Plano Real. Com inflação baixa, o consumo cresceu.



Há números interessantes a respeito. Em 2009, a renda média da família brasileira chegou a R\$ 1.285, um recorde histórico. Em cinco anos, 30 milhões de brasileiros migraram da classe D para a C. Neste momento, fervilham, País afora, os feirões de imóveis, com previsões que chegam a até 50% no aumento das vendas. Com isso, a tendência é o crédito imobiliário chegar já neste ano a 5% do PIB. Goiânia pulsa no mesmo ritmo: em 12 anos, as unidades lançadas na capital saltaram de 2 mil para 10 mil. Só no mês de março último foram 1.100 lançamentos. Há oferta, porque há procura. E há o Minha Casa, Minha Vida, que veio para ficar, como caminha para vingar a PEC da Moradia, que criará um fundo perene que vai beneficiar principalmente a baixa renda, com a destinação de 2% do orçamento federal

e de 1% dos orçamentos de Estados e municípios para a construção de moradias.

O mercado imobiliário vive momento de euforia, mas nem por isso se deve desdenhar dos desafios. Eles existem e são muitos. Começa da perenidade da política de habitação. Depois, temos o momento eleitoral, propenso a promessas milagreas, que podem muito bem destruir os fundamentos do apuro fiscal e da vigilância monetária que nesses 15 últimos anos têm dado sustentabilidade à economia brasileira.

Para o setor da construção, a receita seguirá a mesma, ou seja, muito trabalho. Que as lideranças políticas também se comportem no plano dos princípios éticos, para que a família brasileira possa dispor da oportunidade permanente do acesso ao que de mais sagrado podemos aspirar, que é a moradia.

No calor das vendas

Creme Mel aproveita bom momento para ampliar investimentos e apresentar ao mercado novos sabores de picolés e sorvetes

Precisamente no dia 14 de maio, a Creme Mel colocou em operação sua novíssima máquina de sorvetes italiana, com capacidade para fabricar 10 mil picolés por hora. Em 2010, a empresa já investiu na aquisição de outras duas máquinas, desta vez para a linha de sorvetes. Cada uma delas produz 1,5 mil litros de sorvete por hora. Até aqui, detalha Antônio Santos, presidente da Creme Mel, os investimentos somaram 2 milhões de euros, turbinando a capacidade instalada da indústria, que deve atingir, neste ano, 12 mil litros por hora de sorvete, num avanço de 45% em relação a 2009, e 32 mil picolés também por hora, crescendo 33%.

Mas os planos de investimento não param por aí. Desde dezembro, entre R\$ 4,5 milhões e R\$ 5 milhões foram investidos, de um total de R\$ 6 milhões programados com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na compra de 12 caminhões, além de equipamentos para a indústria. Sua frota opera com 52 veículos refrigerados atualmente. A empresa utiliza ainda dois caminhões para fazer a captação de leite exclusivamente de vacas jersey, num total de 20 mil litros por dia, utilizados no processo de produção de sorvetes e picolés.

No ano passado, perto de 1 milhão de euros foram aplicados na compra de outra máquina, agregando mais 6 mil picolés por hora à planta instalada às margens da GO-060, próxima ao terminal Padre Pelágio, na saída para Trindade. A empresa gera 560 empregos atualmente e deverá contratar mais 20 pessoas para atender à expansão da capacidade produtiva e à demanda, que vem crescendo em ritmo acelerado.



Santos: produtos sob licenciamento da Disney e previsão de crescimento de 35%

Entre 2008 e 2009, a receita da empresa já havia crescido perto de 40% e deverá experimentar avanço de pelo menos 35% neste ano, de acordo com expectativa de Santos, que divide o controle da indústria com o empresário Odilon Walter dos Santos. O crescimento mais vigoroso do faturamento explica-se porque a empresa tem incrementado seu portfólio com produtos de maior valor agregado, a exemplo do sorvete premium de doce de leite, a ser lançado até junho próximo.

A nova linha vai utilizar o doce de leite argentino, reconhecido mundialmente por sua qualidade. “Trata-se de um produto menos gelado, com maior volume de sólidos, destinado a segurar as vendas durante o

inverno”, afirma Santos. Em março, a Creme Mel fez sua estreia em outro segmento de mercado com o lançamento do açaí com granola, vendido em potes.

No final de abril, a empresa apresentou ao mercado o picolé de milho verde com cobertura de chocolate e, neste ano, iniciou a importação, também da Argentina, de picolés com personagens Disney. “Trouxemos três carretas, cada uma com 140 mil picolés, até o momento”, diz ele. Se as negociações transcorrerem bem, a companhia tem planos de importar duas carretas por mês até o final do ano. Para 2011, Santos antecipa que já negociou com a representação da Disney no Brasil a produção de picolés, sob licenciamento, em sua fábrica em Goiânia. ■



A primeira fábrica: no Setor Coimbra, a empresa produzia o Guaraná Imperial e engarrafava os refrigerantes Crush e Bidu

Um negócio DE FAMÍLIA

Renata Dos Santos

A mais antiga fábrica de refrigerantes de Goiás completa 48 anos e faz da Imperial uma história de sucesso também fora do Estado. O grupo atua nas áreas de bebidas, alimentos, veículos, shopping center e fabricação de garrafas de plástico para bebidas (pet). No braço fundador, representado pelo segmento de refrigerantes, a empresa tem fábricas em Trindade e Gurupi, além de filial de vendas em Brasília e franqueados na Paraíba e no Maranhão.

Com a fábrica de bebida gaseificada, a empresa – que na última década conquistou espaço em países da Ásia, África e América Central, pelas exportações de guaraná e sucos de frutas tropicais para ilhas do Caribe, de Cabo Verde, Angola e da Coreia do Sul – tem história marcada por empreendedorismo e dedicação.

Diretor superintendente do Grupo Imperial, Fernando Pinheiro se lembra de como tudo começou. “A fábrica funcionava na Avenida Castelo Branco, no Setor Coimbra, onde permaneceu por cerca de 35 anos”, conta. O primeiro produto produzido foi o Guaraná Imperial, fruto de uma empreitada de três irmãos (Edmo, Berlarmino e Benigno Pinheiro), um primo (Alencar Amaral Munhiz) e um cunhado (Paulo Marçal). Depois dessa fase vieram os antigos refrigerantes Crush e Bidu, que seduziram toda uma geração. Em seguida, o grupo obteve a franquia da Pepsi-Cola e, até 2001, dos produtos Antártica (guaraná e cerveja).

Inaugurada em 1997 em Trindade, a nova fábrica passou por ex-

Como três irmãos, um primo e um cunhado transformaram a Imperial em um caso de sucesso em Goiás e também fora do Estado

pansões e se destaca como uma das mais modernas do País. A empresa gera cerca de 550 empregos diretos. As metas para os próximos cinco anos preveem dobrar o faturamento em valores reais, ou seja, acima da inflação do período, assim como a geração de caixa, medida pelos resultados antes de impostos, despesas financeiras, amortizações e de depreciação. “Continuaremos a nos atualizar constantemente e buscando inovações”, resume Pinheiro.

Considerada a mais completa indústria do ramo de bebidas do Centro-Norte do País, a Imperial produz e distribui para todo o País os refrigerantes das marcas próprias Goianinho, Pitchula – o primeiro produzido com foco especialmente para criança e com a primeira embalagem pet infantil lançada no Brasil –, American Cola, Orange Fruit, Refree. A empresa também produz os sucos Tampico e La Fruit, a bebida de baixo teor alcoólico Birinight e as cervejas Imperial Beer e Imperial Ouro. ■

Edmo e Fernando Pinheiro: previsão de dobrar o faturamento em cinco anos





NA PASSARELA

/// A atriz Fernanda Paes Leme, a ex-BBB Iris Stefanelli (foto), os atores Paulo Zulu (foto) e Bruno de Luca e a modelo Piu Piu estão entre as atrações confirmadas para a passarela da 2ª Goiás Mostra Moda, que será realizada de 22 a 25 de junho, no Câmpus 2 da UFG. Empreitada de peso do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest).



CAFÉ

/// O industrial Carlos Roberto Viana (Moinho Fino/Dicasa) e sua equipe são só empolgação com os preparativos da mudança para a sede nova, no Polo Industrial Goiás, em Aparecida de Goiânia, marcada para o início do segundo semestre. A construção de 4 mil metros quadrados, em área de 10 mil metros, acaba de ser concluída. A marca principal, a Moinho Fino, é líder há cinco anos na pesquisa do Instituto Serpes – a última foi em outubro do ano passado – como café preferido e mais consumido do Estado.

MUNIQUE

/// O empresário Marley Antônio da Rocha (Goiarte) chegou, no fim de abril, de Munique (Alemanha), onde conferiu a Feira Bauma 2010. Considerado o maior do mundo, o evento, realizado de três em três anos, exhibe os lançamentos de máquinas para construção de todo o mundo. Em negociações para aquisições de equipamento de última geração, Marley conta que algumas engenhocas produzem 20 mil blocos de cimento por dia.



PRESENTE

/// O jogador e vereador Túlio Maravilha presenteia o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, com camisa do Botafogo de Brasília, observado pelo governador Alcides Rodrigues, durante evento na Casa da Indústria.

DESTAQUE

\\ O paranaense Antônio Marcos de Oliveira (MB Têxtil), que já é goiano de coração, em alta com sua indústria de tecidos para hospitais, em Goiânia. A empresa figura entre as principais do mercado brasileiro neste ramo.

LETREIROS

\\ José Amâncio (Ciplac), industrial goiano que produz letreiros e luminosos, é quem assina a nova fachada da TV Goiânia. Depois de brilhar com letreiros da cidade, como o Centro Brasileiro de Cirurgia Ocular (CBCO) e do Bradesco, ele finaliza a obra em sua indústria no Setor Santa Geneveva – fundada em 1972.



APAE

\\ A presidente da Apae de Goiânia, Emília Teresinha Borges, entrega diploma de Amigo da instituição a Candy Gifford, madrinha do selo Empresa Solidária, durante a palestra Sucessão Familiar – Já pensou sobre esse assunto?, na Casa da Indústria.

CARNE

\\ Magno Pato mobilizou representantes dos maiores frigoríficos locais (Friboi, Marfrig, Minerva e Quatro Marco, entre outros) para o Boi na Bolsa. Realizado dia 18 de maio, o encontro teve como palestrante Edson Barcelos, presidente da Bolsa de Mercadorias de Goiás, que orientou os participantes sobre o novo processo de investimento e a comercialização dos produtos.



CASA COR 1

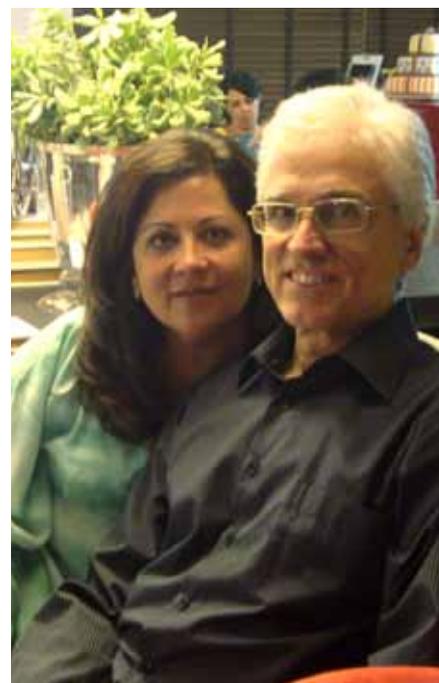
\\ O empresário Olegário Ribeiro da Costa (Toldos Solares) visita o Espaço Sebrae, na Casa Cor, assinado pelo arquiteto Daniel Almeida. As prateleiras originais, uma homenagem ao concreto armado da capital brasileira, foram executadas pela construtora Oliveira Melo Construtora.

BRITA E CALCÁRIO

\\ Luiz Carlos do Carmo (Calcário Metago) está a mil com os preparativos para a inauguração de sua nova usina de brita e calcário, em Itapaci. O empreendimento é a quinta fábrica que chega, depois de indústrias estabelecidas na Cidade de Goiás, em Niquelândia, Palmeirópolis e Minaçu.

CASA COR 2

\\ O industrial Eduardo Zuppani marcou presença no ambiente criado por sua mulher, a arquiteta Cláudia Zuppani, na Casa Cor. Totalmente adaptado para a realidade brasileira, o pub criado traz elementos únicos como as poltronas originais estampadas pelos Beatles.





Sindifargo

Agência sanitária - 1

Numa iniciativa do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), foi realizado, na Casa da Indústria, no final de abril, debate (foto) sobre a proposta de criação da Agência Goiana de Vigilância Sanitária. Em reunião na Fieg, empresários do setor farmacêutico, entidades representativas dos setores de alimentação e químico de Anápolis e Goiás, além do Conselho Regional de Farmácia (CRF), decidiram criar uma agenda de mobilização para sensibilizar o governo estadual a encaminhar projeto de lei à Assembleia Legislativa, propondo a implantação da agência.

Agência sanitária - 2

Para o presidente do Sindifargo, Marçal Henrique Soares, a instalação da agência trará efeitos positivos para a economia goiana, ao abrir a possibilidade de atração de novos investimentos em decorrência da redução da burocracia e de custos para a abertura de novos negócios nas áreas farmacêutica, química, de cosméticos e alimentação. Além disso, observou ainda, a Vigilância Sanitária passará a ter meios para desenvolver seu trabalho com maior eficiência e qualidade, beneficiando não apenas o setor produtivo, mas também a sociedade.



Sindirepa

Políticas públicas

O Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa) realizou, no dia 10 de junho, o 1º Seminário Políticas Públicas: Atividades de Reparação Veicular e Gestão de Resíduo. Para o presidente da entidade, José Francisco de Souza, o evento teve como objetivo “conhecer o panorama nacional e local do segmento, estabelecendo uma relação entre o setor e as normas técnicas e legislação ambiental sem conflitos. E, ainda, auxiliar os técnicos nas análises de processos de licenciamento.” Participaram do seminário, além de especialistas e autoridades, empresários do segmento de oficinas mecânicas do Estado.

Sigego

Direito trabalhista

O Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego), em parceria com a Associação Brasileira da Indústria Gráfica – Regional de Goiás (Abigraf), realizou no dia 25 de maio, no Palácio da Indústria, em Goiânia, a palestra Poder do Empregador: Advertência, Suspensão e/ou Justa Causa, pelo advogado e professor de Direito na PUC Goiás Rafael Lara Martins, também sócio do escritório Miranda, Missao, Martins e Advogados Associados.

Assembleia da Abigraf

O presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego), Antônio Almeida, participou, no dia 17 de abril, da 46ª Assembleia Geral Ordinária da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), realizada no Hotel Pestana, em São Luís, no Maranhão (foto). Além de Goiás, estiveram presentes representantes das indústrias gráficas da Bahia, do Espírito Santo, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, de Minas Gerais, Pernambuco, Santa Catarina e São Paulo.

Siaa

Inaugurações

A comemoração do Dia do Trabalho em Anápolis foi marcada por uma grande festa nas dependências do Sesi Jaiara. O presidente do Sindicato das Indústrias da Alimentação (Siaa), Wilson de Oliveira (foto), também segundo vice-presidente da Fieg, participou das atividades, que tiveram como um dos pontos altos a entrega das reformas da sala de aula, do salão de festas e a nova academia.



Sifaeg/Sifaçucar

Tendências

Os sindicatos das indústrias de Fabricação de Etanol (Sifaeg) e de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás (Sifaçucar), em parceria com a consultoria Datagro, promoveram em Goiânia, na primeira semana de maio, na sede da Fieg, o Simpósio Fundamentos do Mercado Mundial de Etanol e Açúcar para 2010 e 2011. Plínio Nastari (foto), da Datagro, André Rocha, presidente executivo do Sifaeg/Sifaçucar, Martinho Ono, da SCA (Sociedade Corretora de Álcool), e os economistas Plínio Junqueira e Bruno Wanderley foram os palestrantes do evento, que reuniu cerca de 120 associados e convidados do Sifaeg.

Siprocimento

Capacitação de lideranças

Numa iniciativa do Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento), em parceria com o Senai Goiás, é realizado, desde maio, o curso de Capacitação de Líderes de Processos Produtivos. O programa, com carga horária de 190 horas e duração aproximada de cinco meses, inclui Empresa e suas Políticas, Formação de liderança, Gestão de Pessoas e de Produção, Competências Complementares e Técnicas/Específicas.

Sinduscon-GO

Construção sustentável

O Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) realizou em maio o 1º Encontro sobre Construção e Sustentabilidade (Ecos). O evento deu início a um fórum permanente de discussão sobre as interferências socioambientais da construção, bem como das ações preventivas para garantir a sustentabilidade do negócio e a qualidade de vida da sociedade.



Simelgo

Tecnologia da informação

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) promoveu, no último dia 20, no Palácio da Indústria, a palestra Tecnologia da Informação 2010: Desafios e Tendências. O engenheiro elétrico e mestre em ciência da informação Carlos Henrique Naves falou sobre a tecnologia aplicada aos negócios, como ferramenta para aumentar a produtividade e a competitividade das empresas.

“Entendo que o foco agora deve ser capacitar algumas cidades do Estado, notadamente Goiânia, para se tornar sub-sede”



André Coutinho

Sócio-líder para serviços de assessoria para a Copa do Mundo 2014 da KPMG

Goiás e a Copa 2014

No dia 30 de outubro de 2007, quando a FIFA, a entidade máxima que administra o futebol no mundo, confirmou o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, o País lançou-se em um desafio de grandes proporções. Ao lado dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo é um dos eventos mais assistidos e aguardados em todo o planeta. Para que um acontecimento com essas dimensões se concretize, são necessários investimentos da ordem de bilhões de dólares em mobilidade urbana, estádios, aeroportos, portos, energia, saneamento, rede hoteleira, rede hospitalar, telecomunicações e segurança pública.

A Copa do Mundo é uma oportunidade de efetivar o planejamento de longo prazo, adiantando obras essenciais, mas que seriam realizadas em até 10, 20 ou 30 anos. Não é o motivo para que tudo seja feito, e em alguns casos abusos são cometidos a este respeito, mas sem dúvida é uma mola propulsora para que esses investimentos saiam do papel. Investidores atentos não se precipitam em destinar recursos para pequenos períodos. Mas a Copa não deve ser vista desta forma. O que tem de ser trabalhado, e as notícias recentes não são as mais animadoras, é a forma que o mundo irá nos ver. A Copa do Mundo é uma oportunidade única para projetar a imagem do País no exterior. Não podemos perder chance como esta, até porque precisamos recuperar, nem que seja a médio ou longo prazo, o valor que será investido para receber o evento.

Algumas perguntas importantes a serem feitas por quem pretende empreender com



a Copa do Mundo. Ela representa para mim um mercado diferente do que já possuo? Importante avaliar adequadamente o tamanho do mercado atual, como progredirá até 2014 e o que se espera após 2014. Tal avaliação precisa ser feita para todos os produtos ou serviços, já que o impacto raramente é uniforme. Uma boa análise a ser feita é avaliar o reflexo nos diversos mercados em eventos anteriores.

Qual o retorno potencial no longo prazo para os investimentos que vier a fazer? Um ponto fundamental diz respeito à viabilidade econômico-financeira para o projeto. A não ser que o objetivo seja exclusivamente institucional, necessariamente um bom negócio precisa ser embasado por um plano que se revele sustentável. Dentre essas análises, uma fundamental é quais as melhores alternativas de financiamento para o projeto. Outro ponto importante é estudar parcerias estratégicas e potencial obtenção de incentivos financeiros e fiscais.

Como posso definir ações com

transparência e que sejam sustentáveis ao longo do tempo? A mensuração do legado que podemos deixar à sociedade após o evento torna o exercício mais complexo, contudo mais atraente. A Copa no Brasil tem bom potencial para exploração do tema sustentabilidade e avaliar se o seu projeto pode ser 100% sustentável, inclusive cadeia de distribuição e fornecimento utilizando parceiros sustentáveis, pode determinar o sucesso da iniciativa e busca de financiamentos.

Em relação a Goiás, entendo que o foco agora deve ser capacitar algumas cidades do Estado, notadamente Goiânia, para se tornar um “base camp”, também chamado de sub-sede, no qual uma seleção que disputará a Copa 2014 ficará hospedada por um período pré e durante a competição. A preparação para esse objetivo já começou em várias cidades e não se deve menosprezar a necessidade de planejamento para que seja um dos destinos escolhidos em 2014.



Faculdade é uma coisa.

AGORA, **FACULDADE** COM HISTÓRIAS
DE SUCESSO É A DO SENAI.

- Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- Automação Industrial
- Redes de Computadores
- Processos Químicos

**MAIS DE 80% DE ALUNOS
NO MERCADO DE TRABALHO.**

**VENHA PRA FACULDADE SENAI E CONTE TAMBÉM
A SUA HISTÓRIA DE SUCESSO.**

INSCREVA-SE JÁ PARA O VESTIBULAR!



FIEG SENAI

4002-6213 - Goiânia
0800 642 1313 - demais localidades

www.senaigo.com.br



Descubra seu poder empreendedor e amplie suas oportunidades de negócios!

Desenvolva:

- seu espírito de liderança
- sua iniciativa
 - sua criatividade e
 - sua capacidade de motivação.

Participe do Empretec

O melhor seminário sobre empreendedorismo no Brasil.



NAÇÕES UNIDAS
PNUD - UNCTAD

0800 570 0800
CENTRAL DE RELACIONAMENTO SEBRAE

